

Língua e Literatura, São Paulo, (17): 9-54, 1989.

O ENSAIO LITERÁRIO NO BRASIL¹

Alexandre Eulálio

CAMPO E CONTRACAMPO

Cercado por quase todos os lados pela atividade interessada, o ensaio literário enquanto ensaio e enquanto literário é uma península estética de maré muito variável. Na baixa, a sua superfície caminha em direção das áreas vizinhas, muitas vezes anexando, quase sem o perceber, vastas regiões limítrofes à sua própria.

Daí a necessidade de restringir, ainda que de modo artificial, essa movediça ordem de dissertação, que a todo momento confina com a filosofia e a política, a novela e o documento, dentro de um campo que compreende tanto a erudição pura quanto o apontamento ligeiro do *fait divers*. Este o motivo de, nas páginas que se seguem, limitarmos a apresentação do ensaísmo brasileiro, nos espichados e arbitrários anos que vão de 1750 a 1950, ao seu sentido geral de livre comentário estético, expresso dentro de um critério mínimo de prosa literária cultivada. E que desse modo compreenda as considerações críticas e interpretativas sobre a história da cultura nacional, na sua esfera própria de "belas-letas" quanto a variação mais ou menos livre, séria ou jocosa, sobre sentimentos, fatos, pessoas, sucessos.

Examinados apenas nas suas modalidades formais ou temáticas, indiferentemente da extensão de artigos de jornal ou *in folio*, tentamos sintetizar aqui a evolução do ensaísmo brasileiro nas três maneiras que nele

1 Premiado há mais de trinta anos, este ensaio de Alexandre Eulálio apresenta anotações marginais, indicações de tópicos para desenvolvimento e variantes de palavras em número suficiente para sugerir que era de se esperar uma segunda versão definitiva. Como não foi dado ao autor realizá-la, optamos por publicar também suas anotações - em Apêndice e organizadas em ordem alfabética - para dar a conhecer este aspecto dos bastidores de seu trabalho ensaístico. (N.F.)

parecem fundamentais, a saber: (a) o ensaio subjetivo fantasioso, pessoal, egotista - chamado em inglês de *familiar essay*: um dos raros gêneros que, talvez por estar ligado de modo indissolúvel à imprensa periódica, pão nosso de cada dia, goza de idêntico favor do público desde o Pré-romantismo; (b) o ensaio crítico enquanto discussão estética do fato literário, sob a forma de estudos, análises, notícias, resenhas, recensões; e ainda o de idéias gerais, enquanto nele for voluntária, evidente e predominante, a expressão literária, "artística"; (c) o ensaio descritivo, narrativo e interpretativo de intenção estética, cuja objetividade expositiva afaste-o da profissão personalista do gênero: descrição de costumes e tipos, "memórias sentimentais", etc. Naturalmente não devem ser esquecidas outras variantes consideradas ensaísticas, sejam aforismas, máximas, provérbios, "as bases do ensaio"²; assim como polêmicas, sátiras, cartas-abertas, panfletos, e mais, que ainda se caracterizem como reflexão de índole mais ou menos remotamente moral, e composição literária próprias ao ensaio.

Talvez cause espécie esse reunir sob a mesma designação geral das diversas variedades de prosa enumeradas acima. Embora definido na edição original do *Dicionário* de Moraes como "Escrito em que se examina alguma coisa" talvez repugnasse ao espírito da língua essa identificação indeterminada de ensaio segundo a acepção mais propriamente inglesa, pouco corrente entre nós. Tanto mais que em nossa linguagem *ensaio* sempre quis significar a designação modesta para *tratado*, conforme é fácil verificar através dos exemplos que vêm do século XVIII para o XIX. Ainda hoje empregamo-lo, não sem algum hesitar, como sinônimo imperfeito de *estudo*.

Mais forte do que tal costume em aberto é, contudo, a acepção mais estritamente literária da voz, geralmente aceita como transitando de Montaigne para os folhetinistas ingleses, e destes universalizando-se nas demais literaturas. Ainda que com a tendência de fixar o *essay* na acepção subjetiva de peça fantasiosa e livre de pequena extensão, a partir da decisiva celebridade das gazetas setecentistas, não há maiores motivos para que não seja estendida também ao Português essa acepção, lado a lado com as outras que já designam

2 WITHINGTON, Robert. *Essay*, verbete da *Encyclopaedia Americana*. "One root of the essay is found in gnomic or aphoristic sayings like those in the Book of Proverbs, Ecclesiastes and Ecclesiasticus, or collections of such maxims. Marcus Aurelius Antoninus (121-180 AD) wrote his *Meditations* maintaining an earlier tradition which is represented by the *Maxims* (1663) of the Duc de la Rochefoucauld (1613-1680) and the aphorisms of Benjamin Franklin in his *Poor Richard's Almanac* (1732-1757)" John M. Berden assinala mesmo a existência de um ensaio propriamente aforístico, peculiar à mentalidade conceptista que tanto marcou uma das vertentes do gênero: "A series of aphoristic sentences bound together by their bearing on a common topic, such as Bacon's essays and, to a lesser degree, Emerson's. Here, in spite of geometry, the part may be greater than the whole, for the individual sentences are suggestive out of their context and lend themselves easily to quotation". *Essay*, verbete da *Colliers Encyclopaedia*.

esse gênero essencialmente flexível. Não é menos translato o nome de *crônica* que, desde fins do século passado, chamamos à variante coloquial do gênero.

Acolhendo assim debaixo do nome de ensaio tanto composições longas, à maneira do tratado antigo, como as peças curtas e ligeiras, interessou-nos antes de tudo o critério estilístico da prosa literária de não-ficção, que tornaria possível estudar, no seu conjunto, manifestações diferentemente aparentadas entre si. Que eram, em última instância, os mesmos escritos artísticos "em que se examina alguma coisa, como o ensaiador os metaes" registrados pelo velho dicionarista. Com *humour* e estilo, o argentino José Edmundo Clemente (e assim se inscrevia na vertente conceitual do gênero) já havia dito com visível impertinência: "*Definir el ensayo es una tarea superior a la ambición de escribirlo*".^(a)

Colocado diante do complexo programa de sintetizar, em rápido conspecto, o ensaio literário no Brasil, o autor tentou, sempre que possível, caracterizar concretamente a visão do conjunto e do pormenor.

ENSAIO & ENSAIO

Até primórdios do Século XIX, a prosa de não-ficção em nossa língua ao deixar de ser científica é quase só mística, didática ou acadêmica. Se se excetua a figura por todos os títulos notável de Dom Francisco Manuel de Melo, precursor de um gênero que também se acusa em obras diferentes entre elas como a maquiavélica *Arte de Furtar* ou os escritos vários dessa boa figura que é o Cavaleiro de Oliveira, o ensaio em Portugal existe apenas na acepção de monografia especializada, significando memória maciça, ou observações, considerações & notícias eruditas.^(b) No sentido de livre comentário de idéias gerais, no de discussão ora pessoal ora objetiva de um determinado tema, conforme já vinha se generalizando nos grandes centros europeus, nos meados do Século XVIII, escapa quase de todo da área portuguesa; será necessário rastrear os bons autores para neles encontrar tais exemplos de índole ensaística^(c). O único gazetear permitido, e isso porque aristocrático, ciceroniano, intemporal, é a publicação em volume de cartas literárias, que o autor, numa tentativa de discreta espontaneidade antiga, rotulará de familiares. Numa época de minudente formalismo essas constituíam pelo menos um convite ao cotidiano e o seu quase pastoral desalinho. Com a vantagem edificante de ainda pertencerem à literatura "de exemplo" pelas lições de bem viver que sempre continham^(d).

IMPrensa, DESPOTISMO, LUZES

Fora da folha oficial, lacônico diário do governo (que tem início em 1715 e mesmo assim interrompe-se de 1762 a 1778³), todas as tentativas de periodismo são efêmeras em Portugal. O espírito cosmopolita do fidalgo douto e do clérigo sabedor do Seiscentos, atrofiam-se aos poucos nos seus sucessores burgueses do século das Luzes, sem o meio próprio de expressão daqueles, que pretendem alcançar um público vasto. Só a imprensa não limitaria a uma pequena parcela da nobreza, do clero e do terceiro estado mais próspero a divulgação da cultura, até então confinada à livraria do erudito ciumento.

"Luz para todos": o apelo a uma geral concidadania do espírito contudo está vedado aos súditos do velho reino ocidental. O espírito do século deve ainda dividir-se, em aparente síntese, entre os seus extremos: a atmosfera da Coimbra reformada, as salas severas da Real Academia das Ciências, ou então o chá e viola dos salões literários, a instabilidade de Arcádias e outras sociedades letradas, onde o magistério estético de um membro mais proeminente logo se transformava em irrespirável ditadura. Um meio-termo ao jeito dos folhetinistas ingleses, senhores de exercerem, ao lado de amena crítica de costumes, o alto sentido da divulgação *ilustrada*, ainda parece inalcançável aos portugueses, que não dispõem da imprensa, o seu natural veículo de expressão. O *ensaio moderno* surgirá mais tarde exatamente do compromisso entre a já então inadiável necessidade de periodismo e livre-juízo. Conseqüência imediata desse espírito reivindicativo, uma das suas armas imprescindíveis será a sátira.

OCULTAS PRAIAS ESCONDIDAS

Província ultramarina, desde o Século XVIII a América Portuguesa participava da vida culta da Metrópole através de minguada mas atuante fração da sua elite. Diverso do espírito imperial espanhol, que não havia temido espalhar universidades crioulas do México a Chuquisaca, concentrara-se no coeso unitarismo conimbricense o sentido português de pátria-grande, com o qual se pretendia modelar o espírito das melhores capacidades de aquém e além-mar. A "lusa Atenas" era essa fôrma única que daria a indispensável concepção de Reino às futuras classes dirigentes. Isso ao mesmo tempo que selecionava para o serviço imediato de El-Rei, das cinco partidas do mundo onde

3 Cf. Rocha Martins. *Pequena História da Imprensa Portuguesa*. Lisboa, Inquérito, 1941. (Cadernos Inquérito (XV) pp. 26, 28, 30).

se encontravam as colônias, a flor de uma burocracia indispensável à administração e ao poderio do Trono Fidelíssimo.

Era violento o desencontro desse ideal centralizador com a realidade na qual iam esbarrar os portugueses no Além-mar. Tanto os mazombos veteranos de Coimbra, que voltavam às capitâneas originárias, quanto os funcionários de segunda ordem, estabelecidos de modo definitivo nos vice-reinados de mundo afora, entravam em violento conflito interior. Divididos entre o sentimento de legitimidade e a sensação de inconfidência, esta última começava a se acusar tanto pelo bairrismo crescente como pelo vislumbre até então desconhecido^(e) do que era injustiça. Não terá sido esse dilaceramento ainda cheio de perplexidade uma das menores causas do espírito reivindicativo que, no campo específico do saber, faria esses *esquecidos* órfãos da cultura "renascerem" em transitórias companhias acadêmicas. Na sua ufania ingênua, não pretendiam eles menos do que fazer significar, em seu verdadeiro valor intelectual, essas desprezadas finisterras da cultura. Com o tempo, tais grêmios inofensivos, seguindo natural evolução do sentido da própria valia, contaminam-se até de inconformismo político, e já não dispensam o livre-exame como a base da inteligência: é este o itinerário que vai dos *Felizes* de Gomes Freire à *Sociedade Literária* do Senhor Dom Luís de Vasconcelos.

INQUIETAÇÃO, LIBERDADE: A IMPRENSA

A inauguração, às vésperas da Independência, do processo do jornalismo político e participante, que se organiza, em plano inclinado, com intuito nitidamente orientador da opinião pública e partidária, fora precedida por inquietude espiritual de definida expressão ideológica. Todo o período que vai de 1808 a 1821 é uma espécie de ciclo preparatório em que, com a indispensável licença régia, ensaiamos as nossas forças, para futuro próximo.

Dá a importância de periódicos como "O Patriota", folha literária, política e mercantil, coletânea heterogênea de trabalhos especializados nos diversos ramos do conhecimento, inclusive peças literárias, e se apresenta como a primeira publicação no gênero impressa no Brasil, se se excetuam a oficiosa "Gazeta do Rio de Janeiro", prolongamento do diário de governo de Lisboa, e o baiano, "As Variedades ou Ensaio de Literatura", de Domingos Bivar, heróico e efêmero⁴ Este esboço de imprensa cumpre o seu fim com muito brio. Antes de tudo vinha desafogar uma elite cultural cuja necessidade de

4 CASTELO, José Aderaldo. "Pródromos do Romantismo" em *A Literatura no Brasil*, vol. 1, tomo 2. pp. 638-640. Rio de Janeiro. Editora Sul-Americana, 1956.

comunicação no campo do conhecimento não podia mais ser recalcada. Por isso representa como que o anúncio vivo de uma época cheia de esperança, e chegou mesmo a encarnar a promessa de um trabalho intelectual em comum, uma espécie de ilusão universitária acariciada pelos sequiosos letrados locais.

HIPÓLITO DA COSTA

Seria já alguma coisa, onde até então nada havia sido permitido, mas ainda não era, nem de longe, a imprensa entendida conforme as aspirações dos liberais. Da autêntica liberdade de expressão só poderia fruir, nesse período, um exilado voluntário que seguidas perseguições fizeram se recolhesse na tolerante Inglaterra. Assim, ao aparecimento do "Correio Brasiliense", a gazeta londrina de Hipólito da Costa, devemos não só a primeira livre expressão de pontos de vista ideológicos, como a própria origem do ensaio em alto nível intelectual. Para isso é bem possível que contribuisse de maneira decisiva a presença do autor na capital inglesa, onde encontrava a melhor tradição tanto política quanto literária do gênero.

Com o fito de convencer e fazer agir - portanto sob o duplo signo do imediatismo e do pragmatismo -, Hipólito inaugurava com extraordinário valor um púlpito civil, se quase sempre de alcance político, não descuidando nunca do aspecto expressivo. Não deixa dúvida disso o próprio segundo título do "Correio", "Armazém Literário". *Armazém* traduzia ao pé da letra o *magazine* britânico, com idêntica pretensão à multiplicidade, e ainda que Literatura tivesse então o sentido genérico de Saber, não o específico de Belas-Letras, a formação, o cultivo, o bom gosto do redator não o faziam um só instante perder de vista o ideal letrado da prosa tersa e clara na qual expunha os seus pontos de vista. O empuxe de Hipólito da Costa seria definitivo, e o seu exemplo, logo que possível, seguido de perto.

O "CORREIO BRASILIENSE"

"Escola das necessidades e dos anseios da pátria nascente", conforme o definiu Otávio Tarquínio de Sousa⁵, o "Correio Brasiliense" teve ação decisiva ao irromper num meio adormecido que bruscamente se aparelhava para servir de sede da Monarquia. E tanto maior era sua repercussão, pela absoluta liberdade de crítica dispunha o publicista. Com as imunidades que o

5 "O meio intelectual na época da Independência" em *Fatos e personagens em torno de um regime*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1957, p. 23 (História dos Fundadores do Império do Brasil 9).

estar em Londres lhe propiciava, ele podia dar-se ao luxo inaudito de dispensar até todo e qualquer tom áulico.

No ocaso do absolutismo contraditoriamente iluminado do neto de Dom José, a missão da folha de Hipólito é antes de tudo civilizadora. Naquele meio em que era vedado transmitir quaisquer idéias novas, a influência do "Brasiliense" será impressionante. Se oficialmente tem a circulação proibida, o próprio Regente, Rei pouco depois, não deixa de o ler para pôr-se a par de juízos e censuras do periódico; a isso seria talvez induzido pelos seus ministros mais progressistas, que vêem na providencial língua solta desse conselheiro extranumerário, precioso auxiliar da própria política. "Infatigável no seu amor e na lucidez da sua crítica"⁶, o efeito do pensamento e da linguagem de Hipólito reflete-se de imediato em todos os meios. Dará elevação e estilo ao ensaísmo político participante que vai nascer conformando um ideal de prosa direta, de justo comentário, de exposição ponderada e análise objetiva. Resumia ao mesmo tempo, na folha, as diversas possibilidades desse gênero até então inédito, e que Hipólito inaugurava num sentido moderno dele.

O ENSAÍSTA HIPÓLITO DA COSTA

Não poderia ser de outro modo: essa tribuna que ocupa anos a fio com sempre novo ardor, ofereceu ao editor do "Brasiliense" a oportunidade única de se exprimir nos mais diferentes tons, sobre os assuntos mais diversos, ainda que o interesse precípua dele não se afaste nunca do pensamento social. Cabe-lhe de direito essa paternidade do nosso ensaísmo: ele o incorpora, nas próprias origens, a uma compreensão totalizante da cultura, da qual participa de modo crítico em diversas esferas do conhecimento. Encara também o nosso conjunto nacional - a vasta comunidade luso-brasileira, um todo indissolúvel para a sua visão iluminada como parte integrante da cultura universal. Escrevia da Inglaterra para o Brasil, conhecendo com justeza nossos problemas, e ao mesmo tempo, podendo imaginar um pouco daquilo que prometia a revolução industrial, cujo desenrolar tinha a oportunidade de assistir na própria origem. Considerava portanto a Literatura de um ponto de vista largamente pragmático, indesligável do aspecto empenhado moral, social, filosófico, político -, mas não lhe diminuía a importância própria de arte de escrever e comunicar. Por motivo de coerência interior desejava-a participante, influenciando de modo decisivo, para o advento do Progresso. O "Armazém Literário" foi assim uma ativa enciclopédia brasiliense que, sem fazer concessões, preencheu os fins de divulgação da doutrina liberal.

6 Idem, idem, idem.

JORNALISMO DA INDEPENDÊNCIA

Os seus sucessores, até chegarem ao equilíbrio intransigente de um Evaristo da Veiga (a "Aurora Fluminense" é de 1827) atravessarão, ao sabor de todas paixões políticas, a franquia desmedida de uma liberdade de imprensa que vinha aproveitar a uma coletividade ainda na véspera sem a mesma permissão para existir como corpo opinativo. Ao sabor do talento de cada um, varia entre todos os níveis daquilo que Antonio Candido chamou de jornalismo

de ensaio, de artigo e de panfleto⁷ Nessa imprensa o ensaio o jornalismo de ensaio - abrirá dificulosamente um caminho de cultura. Mas pela própria índole de argumento atuante, é gênero que havia de se destacar progressivamente, até aí, de uma vez por todas, individualizar-se como instituição literária, sempre mais vizinho do seu sentido próprio de reflexão.

Já foi assinalado acima que o ensaísmo monográfico, tanto o de teor científico como aquele atinente a tal ou qual especialidade, pela própria essência discursiva era de teor universitário e elocução acadêmica. Apenas com o aparecimento da imprensa periódica pôde o gênero começar a ter existência e dirigir-se em todos os sentidos.

A reflexão de propósito moral, tocada de Iluminismo, propagara-se através daquilo que a Inquisição, "com a sua linguagem mística"⁸ chamava de *lepra hebraica* isto é, a contaminação das idéias francesas. As máximas e reflexões ao gosto dos moralistas do Século XVII e XVIII para os seus leitores coloniais a diferença não seria grande.

EPÍSTOLAS A IRZERUMO

Desde então propõe-se ela ao modo de discursos éticos, muito em favor no período; ao jeito prestigioso de correspondência pedagógica, perfaz o roteiro utópico da educação ideal. Expor a vagas personagens de uma Pérsia de exemplo e de anagrama os princípios ideais da nova sociedade regida pela Razão, é uma das finas regras do jogo, e esse, pois, o fim altamente didático das epístolas de Sousa Caldas. Datadas de 1812 e 1813 e dirigidas ao abstrato Irzerumo, tratam de aspectos cruciais da questão máxima das Luzes: Liberdade, tolerância, educação, convívio social. Mesmo reduzidas aos poucos exemplos que até nós

7 *Formação da Literatura Brasileira*. Vol. I, p. 243. São Paulo, Martins, 1959.

8 SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1956 (3ª edição).

chegaram - cinco em meia centena, dos quais apenas dois publicados até 1964 dão a boa medida do talento do autor. Peças de raro equilíbrio, com elas Sousa Caldas inaugurava uma tradição do ensaio doutrinário de rara eficácia expressiva, que só encontraria paralelo durante o Século XIX brasileiro em obras indiferentes ao propósito beletrista.

FREI CANECA

Debaixo da mesma ficção de correspondência, mas no pólo oposto pelo tom que adota, "expressão coerente dum caráter, um ponto de vista e um estilo", no dizer de estudioso⁹, estão as polêmicas *Cartas de Pítia a Damão* (1823), de Frei Caneca. Ardentes, pessoais, desabridas, dizendo nomes aos bois e ao carreiro, com veemência característica de um estado de espírito exaltado pelas melhores paixões românticas, a mensagem das *cartas* seria continuada nas colunas de "O Tífis Pernambucano", gazeta que o mesmo frade faz imprimir em Pernambuco até meados do ano seguinte, 1824. Enquanto que as ponderadas cartas do Padre Sousa Caldas pertencem mais a um gênero amável do tratado social, os escritos de Frei Caneca encartam-se na vertente íngreme do ensaio polêmico, estuante de paixão partidária, ressaltando em pleno calor da refrega os dotes muito notáveis do escritor erudito, mestre de Retórica e Gramática, que bem sabe conciliar, na invenção agressiva, repente e artifício.

No panorama dessa vibrante literatura hebdomadária, aviada às pressas, quase sempre sem elevação, e que se prolonga até o fim da Regência, Frei Caneca ocupa lugar destacado pois modelou com talento superior língua e idéias do seu grupo, a elas comunicando voz muito própria. A sincera paixão patriótica, pela qual chegou até ao sacrifício da vida, fê-lo moldar a expressão das suas idéias num tom de grande funcionalidade, rico de humores eruditos e populares. E enriqueceu assim a nossa prosa de ensaio com os perigosos recursos da indignação, que ele laicizou no violento auto-da-fé radical que é a sua obra de escritor público.

DO SERMÃO COMO ENSAIO

Num ambiente em que até então a oratória sacra havia sido o épico da expressão literária da comunidade, situada bem no centro de uma vida social que girava em torno da igreja - forum cívico e religioso, sala de estar de clero, nobreza e povo - atingia esse *ofício de pregar* a mais vasta das audiências,

9 CÂNDIDO, Antonio. Ob. cit., vol. I p. 252.

acima de conventículos de sociedades secretas ou letradas. Seja pelo seu lado moralizador de *sacra tribuna*, seja pela obrigatória e brilhante versatilidade do contexto, o sermão culto, quase sempre cultista segundo a tradição mitificada de Vieira, incorpora-se e vai prevalecer como uma das linhas mais ortodoxas do ensaio. Isto, embora não possua da atitude mental do ensaio senão a aparência: a do comentário, como mote e glosa, no qual a entonação tem decisiva importância. E portanto bem expressivo que a transição do sermão barroco para o sermão romântico dê-se paralelamente à implantação do jornalismo panfletário, documentando nítida translação de preferências retóricas e utilização de tropos^(f). Não se deve esquecer que muitos desses pregadores inflamados pela nova chama eram políticos ardorosos, que se revezavam entre imprensa, púlpito e parlamento - Januário da Cunha Barbosa, Frei Caneca, Frei Sampaio são expressivos exemplos desse livre trânsito, pregadores cujo prestígio ombreava com Frei São Carlos e Monte Alverne. O último, contaminado de modo decisivo por Chateaubriand, terá um lugar reservado nessa nova mitologia. Criara-se, em torno da sua figura de intelectual muito dotado, certa aura sugestiva que os discípulos imediatos dele, pontífices de nova escola literária, tentariam reproduzir não só na técnica da prosa envolvente (que incorporava neologismos polidos, próprios ou em favor da língua-modelo), quanto na sugestiva elegância romanesca de *emporte*^(g).

A influência do sermão não pode ser esquecida, muito em especial no jornalismo de ensaio, quando judicioso e moralizador^(h). A repercussão dessa forma declamada na prosa literária corrente, a princípio graças ao automatismo e ao prestígio do costume arraigado, depois na forma do cultivo procurado e enfático do bem-dizer clássico, - explicará o tom guindado de muitos estilos do nosso ensaísmo até recentemente¹⁰. Tais galas retóricas servirão, em todo caso, para caracterizar o interesse pela expressão literária em si, no convulso *mare magnum* desse primeiro momento nacional. Se tal vinco beletrista degenerará mais tarde em literatice, em super ou em subliteratura, naquele período indica o respeito por um superior ofício de bem escrever, ou o

10 Seria interessante pesquisar, na inconsciente modulação do ensaio brasileiro, todo o peso que essa tradição afinal exterior, de receita, portanto, exerceu sobre nós, - ainda que menos intenso, talvez, daquele exercido sobre a civilização colonial protestante. Af o sentido próprio de sóbria meditação sobre tema religioso ou ético já os tornava quase automaticamente *essays* no melhor sentido da literatura escrita, praticamente independente do seu fim oral. É o que acontece com a vasta literatura especializada que floresceu na Nova Inglaterra e que se prolongou com alto nível pelo Século XIX. Note-se aliás que o subtítulo colocado por Bacon na edição de 1597 dos *Essays* era exatamente *Religious Meditations. Places of perswasion and disswasion*, alterado na de 1625 para *Counsels, civill and morall*.

tácito acatamento do ideal da expressão letrada, que o plúmbeo reconhece dever atingir pelo aprendizado.

UMA OUTRA VARIANTE ENSAÍSTICA

O revulto periodismo político do tempo é um misto de panfleto, sátira, paródia, polêmica. Literatura de apóstrofe, fundamentalmente interjectiva, nela tanto vale a ofensa pessoal rasteira quanto o mais fino sarcasmo ou a declamação apenas bombástica⁽¹⁾. Pois é em meio assim revulto e conturbado que vai surgir de modo espontâneo o ensaio de teor subjetivo, crônica livre e fantasista que se desenvolve ao sabor da pena. Forma que apela para a ironia e para a imaginação em vez que para a ênfase, corresponde a um momento de pausa, de raciocínio, e exprime inequívoca consciência de superioridade intelectual. Até então desprezada, essa força revela-se das mais eficazes no aceso do desforço panfletário de após a Independência. É o período em que, empregada ainda de maneira impura, revela-se uma novidade de rara eficiência jornalística.

Vamos verificar isso, por exemplo, em alguns números de "O Tamoio" Folha da Corte administrada por Meneses Drummond, representa a posição dos Andradas na arena Jornalística do Primeiro Reinado. No nº 22 dessa gazeta aparece a "Carta de João Claro ao seu compadre Brás Escuro", atribuída a José Bonifácio, curioso exemplo de ensaísmo involuntário; tudo indica que a necessidade de provocar a atenção do leitor faz o escriba apelar para o imaginativo, a fim de repisar de modo diverso a tecla de sempre. Editorial estampado em outubro de 1823, "onde se dão definições de opinião política, aura popular, déspota, patriotismo, ao sabor dos demagogos da época"¹¹, já está presente nele a estrutura do *familiaressay*, tal e qual entendida pelos folhetinistas ingleses do século anterior; inclusive através da presença de ingredientes fundamentais quais a malícia e o humorismo.

O nº 5 do mesmo "Tamoio" já havia trazido pitoresca *conversa* familiar com velho filósofo, morador do Largo do Rocio, muito experiente da coisa pública e da política; no diálogo, referido com técnica quase romanesca, não se esqueceu o autor da entrevista imaginária de se referir até à "ironia

11 SOUSA, Octavio Tarquinio de. "O Jornalismo da Independência", em *Fatos e personagens*, cit., p. 30.

socrática" do anfitrião¹² Descrevendo o interior espartano da casa, sem desprezar nem mesmo a figura do *moleção* que abriu a porta ao remoto repórter, essa pseudo-entrevista leva, nos seus primórdios brasileiros, outra vez o ensaio às origens que lhe propõe Mario Praz: diálogo a dois ou mais interlocutores (ou unilateral, nas cartas de ficção), e que o crítico italiano faz remontar à Atenas do autor do *Banquete* reinterpretada pelos saudáveis humanistas do Renascimento¹³

DO COLOQUIAL

Cartas fictícias já eram formalmente as de Sousa Caldas e Frei Caneca, na verdade "discursos morais", dissertações eloqüentes ou agressivas, mas que não pretendiam dispor do elemento de *naturalidade*, entendido como sal familiar. Agilidade e desenvoltura propícias senão à alta crítica moral, pelo menos ao juízo imediato dos costumes e idéias em voga, inerente ao surrado e sempre constante "castigar dos costumes pelo riso". Será um terceiro clérigo - ele também professor de Retórica, jornalista, político, pedagogo - a figura que melhor representará esse tipo do livre comentarista satírico da época, aquele que o iria difundir e ilustrar por largos anos afora: Lopes Gama, Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama.

Homem da imprensa política que redigiu nada menos que cinco jornais militantes, de 1822 a 1846, foi através de uma sexta folha, "O Carapuço", *periódico sempre moral e só per accidens político*, que ele por assim dizer estabelece e firma esse tipo de ensaio entre nós. Será o primeiro dos nossos cronistas, dando ao gênero um brilho e formando um público até então inexistentes.

12 Idem, idem, idem. Relacionando estes dois exemplos brasileiros com a tradução mais ilustre do gênero, citamos outra vez o trabalho de J.M. Berdan: "Erasmus wrote an open letter when he wished to defend his translation of the New Testament, and Sir Thomas More used the same form when he wished to defend Erasmus. Similarly, when More derired to attack the reformers, he imagined himself interviewed; and when Erasmus wished to discuss the questions that were convulsing Europe, he wrote a series of dialogues" Cf. com o citado verbete da *Colliers Encyclopedia*.

13 Saggio, verbete da *Enciclopedia Italiana*. "Il tono peculiare del saggio, di disinvoltura e familiarità col lettore gli viene infatti della forma epistolare che ne è alle origini, adottata da Cicerone, accanto al dialogo (di origine platonico) per più commoda e divulgativa esposizione di soggetti filosofici. Il pretesto epistolare spesso non sopravviveva che nella soprascritta, ma anche se appena accennato (...) faceva sentire il suo influsso nella spigliatezza del ragionamento che legava insieme quel florilegio di massime degli antichi, di esempi e di aneddoti, che costituiva il nucleo dei tratatelli umanistici"

A extraordinária vivacidade imaginativa aliava-se nele a uma visão crítica das coisas, sensível como era a toda espécie de ridículos e pretensões, que debicava com graça muito sua. Dotado de grande poder descritivo, recolheu como que sem se aperceber, precioso documentário geral de usos e costumes de todas as esferas do tempo. Testemunha participante de uma época em acelerada transição, uma época que com entusiasmo demasiado superficial acolhia toda espécie de novidades, Frei Miguel zurziu com gosto, num tom chocarreiro muito próprio dele, todos os sestros da moda e da *gamenhice*. Repousando o seu bom senso nativo em sólida visão do mundo, que a fé em Deus, nas Letras e na Moderação lhe havia comunicado, não fazia concessões. Servido por um estilo elegante e fácil, de grande ductilidade expressiva, ocupará a posição de sardônico defensor da posição do analista sem ilusões, mas também sem intolerância, que só tem compromissos com o razoável. Enfim, uma espécie de *recteur* paternal cuja arma irresistível era a ironia.

O LUGAR DE LOPES GAMA

A fama de "O Carapuceiro" publicado no Recife, atingira em breve todo o Império. Em 1840 Lopes Gama assume uma cadeira de deputado geral, e por isso vê-se obrigado a interromper a publicação da folha, iniciada oito anos antes. Diante de insistentes pedidos, retoma-a no Rio de Janeiro: é o tempo de "O Carapuceiro na Corte", tão brilhante como o da época recifense, e alcançando um público ainda maior. Terminado o mandato, com ele volta outra vez para a província; então está no auge a sua popularidade de rabiscador público. José Feliciano de Castilho já anotara em 1845 n' "A Regeneração" de Lisboa: "Um dos escritores vivos, em língua portuguesa, mais original, mais gracioso e mais popular na terra de nossos irmãos é sem dúvida o redator do antigo jornal 'O Carapuceiro' O seu estilo fez muitas vezes lembrar o do famoso Addison, e numerosos escritos do nosso colega nada têm que invejar aos ótimos do 'Spectador'¹⁴" A referência ao "Spectador" e a Addison conscientizava um processo comum, colocando o frade na sua própria tradição, tanto mais que a gazeta de Lopes Gama podia subscrever literalmente as palavras de Steele, na edição em livro de "The Tatler": "The general purpose of this paper is to expose the false arts of life, to pull off the disguises of cunning, vanity, and affectation, and to recommend a general simplicity in our dress, our discourse, and our

14 Apud Barbosa Lima Sobrinho: Nota a *Os precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960. (Panorama do Conto Brasileiro 1) p. 222.

behaviour¹⁵ É o que diz Frei Miguel com chiste muito seu, na edição de 19 de abril de 1837: "Eis torna 'O Carapuceiro' não para bússola da senhora opinião pública, como soem apelidar-se quase todos os periódicos (...); a minha musa rasteira não é para vãos tão levantados: muito fará ela se rastejar pelos trilhados campos da moral, tomando a peito a sátira dos vícios ridículos; e se, alguma vez, tentada e avexada do espírito dominante, der alguma rajada de política, será *per accidens*, sempre a medo dos sabichões (que hoje pululam de todos os cantos, como beldroegas) e nunca será para se dar por infalível em suas opiniões" E mais adiante: " 'O Carapuceiro' continuará, finalmente, como principiou, isto é, guardando sempre a epígrafe que tomou, falando dos vícios e nunca das pessoas. Quem lhe servir a carapuça, fique-se com ela bem caladinho e corrija-se, que é o essencial"¹⁶

Nesse espaço literário que se constrói uma língua própria, flexível, transição entre o livresco e o popular, Lopes Gama tem papel ainda mais importante por ser polígrafo altamente erudito. Responsável ele também - como Frei Caneca e Sousa Caldas - por lições de Eloquência Nacional, nelas repontam os seus marcados dotes de crítico e a visão desempenada do homem culto, no alto sentido desta palavra. Transformando a paixão política em literatura de combate num plano artístico superior, desinteressado, ele realizava verdadeira obra de civilização, ainda mais quando se leva em conta o teor imediatista das letras ainda na primeira metade do Século XIX.

O APARECIMENTO DO FOLHETIM

A essa altura - a década de 30 - o ensaio, nas suas tendências extremas de quase ficção ou de quase política, começava a generalizar-se pela prática do *folhetim*. Se a nova espécie jornalística ganha tal nome somente na

15 *Apud* Jane H. Jack: "The periodical essayists" em *From Dryden to Johnson*, edited by Boris Ford. Londres, Penguin, 1960 (The Pelican Guide to English Literature 4) pp. 219-220.

16 Em *Lopes Gama, textos escolhidos por Luís Delgado*. Rio de Janeiro, Agir, 1958 (Nossos Clássicos 31), pp. 23, 24 e 28. "Nenhuma crônica dos nossos costumes - escreve Luís Delgado na apresentação da sua antologia - é mais digna de leitura, do que a coleção dessa folha de Frei Miguel. Retrata simultaneamente os nossos modos de ser cotidianos e a ironia do inteligente observador. Não era apenas a respeito de modas e de comportamentos domésticos que o jornalista escrevia: escrevia também sobre as idéias que circulavam, sobre as leis e os códigos que se decretavam. A invenção mental e a graça de expressão deixavam transparecer algo mais profundo, a intenção do moralista. Interrompido algumas vezes, publicado aqui ou ali, "O Carapuceiro" durou quatorze anos. Tudo faz crer que tenha tido um êxito raríssimo." *Lopes Gama*, p. 10.

edição de 4 de janeiro de 1839, no "Jornal do Commercio" da Corte, vinha aparecendo debaixo dos títulos de *variedade, literária, apêndice*, desde dois anos antes, e já se havia generalizado como seção fixa das folhas de primeira ordem. O desenvolvimento constante da imprensa, organizada em torno da política, não exige mais apenas que esta ocupe o noticiário. A literatura amena, conformada por ela a princípio, mas logo depois independente, terá caráter alusivo nas suas origens, disfarçando de maneira mais ou menos alegórica os acontecimentos políticos. Literatura que por isso não precisa ser *à clef*, mas não abdica dos gêneros alusivos.

"Filho mimoso e brilhante da imaginação, que trajas ricas galas que te cobres de jóias preciosas" - conforme o invocava Justiniano da Rocha¹⁷ - o folhetim, na sua qualidade de comentário sem maiores compromissos de acontecimentos e episódios, empolgaria o sentido da crônica de variedades - ora a nota de costumes e a descrição de tipos, ora a fantasia apoloal ou a polêmica moralizadora.

GRANDEZA E POBREZA

"Tratava-se, em última análise, de um noticiário submetido a um tratamento literário. O cronista percorria os assuntos, discutindo-os como homem de espírito", resume Brito Broca¹⁸ "Os moldes então adotados consistiam no encadeamento mais ou menos arbitrário de vários temas por meio de uma deixa estratégica". Os folhetinistas "entremeavam os flagrantes de costume com os comentários políticos, a crítica da última peça representada, ou as mais recentes notícias do Estrangeiro¹⁹."

O gênero é ingrato: exige muito e o resultado é pouco mais do que nada. "Beneditinos da história mínima e cavouqueiros da expressão oportuna" conforme dirá Machado de Assis, em 1878, "vivemos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir e patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião, e quando nos sentamos a escrever estas folhas volantes, não o fazemos sem a certeza (ou a esperança!) de que há muitos olhos em cima de nós. Cumpre ter

17 *Apud* Barbosa Lima Sobrinho, ob. cit., Introdução, p. 16. O texto é de "O Chronista" (1836), periódico dirigido por Justiniano da Rocha. Seguimos aqui, em traços gerais, o referido ensaio de Barbosa Lima Sobrinho.

18 "Cronistas de Outron", recorte da "A Gazeta" de São Paulo, sem data (1947).

19 "Os marionetes de uma civilização" em *Horas de Leitura*, p. 121. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1957. (Biblioteca de Divulgação Cultural X).

idéias, em primeiro lugar; em segundo lugar expô-las com acerto; vesti-las, ordená-las, apresentá-las à expectativa pública. A observação há de ser exata, a facécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte e Scapin, um guisado de moral doméstica e solturas da Rua do Ouvidor..."²⁰

A improvisação tem lugar importante nesses rodapés que fazem a delícia do leitor. Com a bonomia de sempre França Júnior, outro cronista impertérrito, escrevia em janeiro de 68 no "Correio Mercantil": "O folhetim é um verdadeiro salão de baile: entra-se nele sem se saber o que se vai dizer"²¹ para em outra parte caricaturar-se num tom divertido: "O escritor de rodapé é o ente mais desgraçado que pisa o solo das capitais; não lhe é dado sequer ter uma dor de cabeça: um teatro, um baile, o acontecimento mais pequeno da semana, reclamam a sua presença, e ou por *fas* ou por *nefas* tem de aparecer em seu posto de honra no dia em que lhe cabe a palavra. É um dono de casa, que anunciando aos amigos que recebe em dias certos, tem a rigorosa obrigação de apresentar-se aos *habitués* dos seus salões, sempre de ponto em branco, de distribuir cortesias à direita e à esquerda, como o nosso amigo dos colarinhos, e mais que tudo isso, de pôr um riso efetivo de amabilidade nos lábios, até que saia o último convidado"²²

PRIMEIROS CULTORES

Coincide assim com o encerrar-se do Primeiro Reinado e princípio do período regencial o aparecimento dos primeiros grandes folhetinistas. O amadurecimento da imprensa, com a progressiva divisão das tarefas e seções do jornal moderno (das quais a menor inovação não terá sido a notícia, elemento quase inexistente na gazeta primitiva) cria a necessidade desse ensaísmo ligeiro e bem humorado, no qual vão adestrar-se, por premência ou desfastio, alguns dos primeiros nomes do período. Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues Silva, o espirituoso Josino do Nascimento Silva, Francisco de Paula Brito, Sales Torres Homem - viriam a ser as maiores e mais representativas figuras do periodismo do tempo, todos eles tendo incursionado pela política, através do jornalismo partidário e da administração pública.

20 *Notas Semanais*, 4 de agosto de 1878. *Obra Completa*, Vol. III, p. 428. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

21 *Política e Costumes*, p. 154. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1958.

22 *Idem*, p. 135. O texto é de 24 de novembro de 1867.

Irresistível pela fascinação que exerce sobre a fantasia dos leitores, o folhetim havia-se constituído numa prática agradável a que de modo algum se furtam os intelectuais de então. Anônima ou assinada apenas pelas iniciais, essa literatura leviana, de autoria facilmente atribuível na grande aldeia que é a Corte, é a prova que todos os "belos talentos" têm de passar, antes de receberem de vez seus preciosos diplomas de almas sensíveis e espirituosas.

A CORTE CIVILIZA-SE

Esse evoluir da correspondência de teor erudito para o cartear íntimo, em tom facetado e desenfadado, próprio do folhetim romântico, assinala decisiva estratificação de interesses no interior do jornal novecentista. Denunciando relações e necessidades diferentes, dentro de um todo social até então indiferenciado, a folha abre espaço para certo público que até então não contara de modo nenhum para os seus organizadores. Trata-se da "gentil leitora", silhueta amável cuja presença só fora notada em algum raríssimo periódico ameno, mas agora exige redator especializado e rodapé apenas seu, até mesmo nos grandes diários. "... e porque o folhetim requer um ar brincão e galhofeiro, ainda tratando de coisas sérias..."²³, os dengosos bilhetes aos *amáveis olhos que nos lêem* tornam-se característicos da onda de mundanismo que invade o Rio de Janeiro neste primeiro seu civilizar-se.

A inseparável repercussão estilística desse fenômeno evidencia-se imediatamente nos maneirismos mais ou menos comuns a esses escrevinhadores de letras caprichosas. Francês a tiracolo e inglês na algibeira, os cronistas *fashionable* da boa sociedade fluminense registram e comentam todos os acontecimentos da atualidade mundana, numa prosa que procura abrir o seu caminho dentro dos meandros fantasistas daqueles que a escrevem. Se o estilo deve ser correntio e sem maiores arrevesamentos, que acolha também as inovações do momento em favor nas rodas mais categorizadas.

CONQUISTAS

É inegável o serviço de desbravamento e de construção realizado por esses pioneiros, que abordam, pela primeira vez, o coloquial. Através de contacto direto e constante com o público letrado, do qual ao mesmo

23 *Notas semanais*, 7 de julho de 1878. *Obra Completa* cit.

tempo acompanham e dirigem o gosto, essa prosa será o veículo mais direto para decisiva oralização da língua literária, que se realiza através do imediato aproveitamento culto do bem-falar das sucessivas épocas com que os "cronistas" dialogam. Tratamento aliás bastante livre do coloquial erudito do dia, aberto como sempre o foi, em especial na área fluminense (carioca), às invenções da gíria e do jargão do momento, aí sempre tão espirituosos. Assim o *familiaressay* brasileiro contará com diversas oportunidades plásticas para enriquecer a sua prosa, num intercâmbio dos mais sugestivos com a língua falada. Por este caminho variados elementos renovadores - léxicos, sintáticos - alcançaram ainda muito cedo até a prosa de ficção, que com eles se enriqueceu notadamente no campo da afetividade²⁴

LEVANTAMENTO DE TIPOS E SITUAÇÕES

Termômetro dos interesses do meio, ao mesmo tempo que esboço da comédia dos costumes representada na Corte e na Província, o folhetim de variedades realizará uma autêntica catalogação de tipos e situações da vida cotidiana. Panorama limitado pela autocomiseração irônica, é bem verdade, mas alguma vez caminhando para uma análise severa da sociedade circunstante, - como é aquela que pratica, com critério evolucionista de egresso da Escola do Recife, um Celso de Magalhães no rodapé de "O País", do Maranhão, em idos de 1870. Dessa forma o levantamento crítico das ocorrências costumeiras e dos espécimes característicos das áreas e sub-áreas burguesas reveza-se com o registro copioso dos ecos teatrais, na forma seja de crônica seja de crítica dos espetáculos: óperas, concertos, dramas, comédias. É bem conforme com o espírito do tempo que o teatro suceda à igreja como o centro da vida social da comunidade; os folhetinistas não podem deixar de acompanhar a tradição. Dividem com o público o apaixonado partidarismo favorável ou contrário não mais a este ou aquele pregador, mas a uma ou outra atriz.

Na Corte, nas capitais das províncias, em especial naquelas de importante vida acadêmica ou cultural (Recife, Salvador, São Luís, São Paulo) um teofrastismo diluído levantamento da galeria de exemplares do círculo social - acaba por procurar menos *caracteres* do que *chaves*, quase sempre tomando coloração demasiado pessoal e degenerando para a polêmica. Consegue

24 Alencar, folhetinista que publicou os seus romances em rodapés fez uso nas novelas urbanas de alguns plebeísmos em voga, abonando-se do uso corrente deles pela melhor gente da Corte. Talvez por isso lhe parecessem definitivamente cunhados, com livre trânsito na língua literária.

deste último modo agitar o meio, posto em xeque pela exibição dos seus tiques e cacoetes, ainda que tal agitação nem por isso perca a própria insignificância provinciana. Meramente satírica, a crítica que exercem é contudo uma cunha do espírito revisionista, que agirá no sentido de alimentar o inconformismo das novas gerações.

FOTOGRAFIA E MEIO

Exigindo vivacidade e graça, precisão e fantasia, o folhetim é criação do Romantismo que o Realismo-romântico e Realismo-naturalista não desenvolveram em todas as suas possibilidades até como que as dissolveram no pontilhismo de sensações vagas e experimentação expressiva fronteira ou anexa à prosa poética simbolista.

Dentro de uma tal linguagem, que depois continuará o seu evoluir costumista até aos nossos dias, Machado de Assis levará ao mais alto rendimento artístico o esforço coordenado por três e quatro gerações, a partir de Lopes Gama e do grupo de Justiniano da Rocha, que são contemporâneos. Sem cronologia rigorosa, até o fim do século e princípios do seguinte a eles se reúnem: Martins Pena, Henrique César Muzzio, Joaquim Manoel de Macedo, Augusto Emílio Zaluar, Ferreira de Meneses, Francisco Otaviano, José de Alencar, Quintino Bocaiuva, Manuel Antonio de Almeida, Ferreira de Araújo, França Júnior, Urbano Duarte, Machado de Assis, Joaquim Serra, José do Patrocínio, Artur Azevedo, Lúcio de Mendonça, Paula Ney, Raul Pompéia, Pardal Mallet..., para citar apenas os mais conhecidos ou notados.

PAISAGENS E INTERIORES

Não é necessário encarecermos essa borboleteante representação exterior de um meio em mudança. Retratava objetivamente uma realidade cujo sistema de aparências, aceito sem maiores problemas, era agora posto em discussão. Tanto assim que a mais importante obra de sondagem social e psicológica da nossa literatura - decisiva pela precisão analítica, pela finura sem concessões, autêntico corte na máquina do pequeno mundo brasileiro - foi realizada exatamente pelo mais bem dotado dos folhetinistas "amenos", Machado de Assis. A obra de ficção dele é o meticuloso mapa sísmico daquela mesma sociedade que, como cronista, fixara nos seus estremecimentos mais ligeiros e mais aparentes ao mesmo tempo.

A BASE

Bem conforme o espírito contraditório da incipiente "civilização brasileira", o ideário dessa atualização de valores (porque quase disso se enfeita a crônica de costumes de então) no fundo é ainda joanino, codificado pelas modestas máximas de Maricá, divulgadas em primeira mão no distante "Patriota". Caracterizava-se esse ideário - segundo a observação ácida de Mota e Silva - por um bom-mocismo de senso comum, estoicidade distraída ao sabor dos costumes, muito mais entranhada na mentalidade geral do que poderia parecer a um primeiro exame, porque acessível a todos e até aberto a um moderado humanitarismo iluminista⁽¹⁾. A um tal estado de ânimo, ausente de qualquer possibilidade mais densa de conflito, sucederá em determinados grupos seja a ética positivista, seja o ardor filosófico pelos novos credos spencerianos, seja a recolocação da fé católica em bases de combate vivo, depois da dura prova que foi a "Questão dos Bispos"

Era inevitável o choque entre a mentalidade tradicional e o posterior empenhar-se em atitudes coerentemente doutrinárias, como as indicadas. Ainda que elas implicassem num revisionismo decerto superficial, aceito de forma global⁽¹⁾ e sem possibilidades de análise crítica pelos catecúmenos, revelam característica mudança do meio brasileiro cultivado, datando com um *antes* e um *depois* a "inquietação moderna". Essa variação de diretiva doutrinária no interior de espíritos da mesma forma românticos, como que vai separar o país em duas épocas de distinta mentalidade.

A EXPRESSÃO LITERÁRIA E OUTRAS PESQUISAS ENSAÍSTICAS

Então o fato social concreto, encravado na realidade do país, também encontra os seus críticos independentes. À margem da agitação partidária, que se reveza no Poder, exercendo-o com os mesmos expedientes que verberam quando na Oposição, existem alguns estudiosos que investem contra esses moínhos monstruosos se não com imaginação pelo menos com ímpeto romântico. É o caso do moralismo verdadeiramente ético de João Francisco Lisboa, revoltado com o formalismo de fachada, que escamoteia a realidade dos fatos políticos e sociais, em benefício de mandões sem sombra de espírito público. Do modo mais cru realiza ele no *Jornal de Timon* a radiografia do coronelismo paternalista; o seu protesto é o mais veemente e o mais irresponsável dos que se tem notícia nesse período, escrito numa língua tersa e direta, de excelente corte vernáculo, qualidade que se afirma nos demais escritos históricos do autor. Obra que transcende a Literatura pelas suas intenções, pode ser

colocada dentro do ensaísmo não-literário brasileiro ao lado das de Tavares Bastos (*A Província; Cartas do Solitário*), do Visconde de Uruguai (o *Direito Administrativo*), de Couto de Magalhães (*O Selvagem*), como algumas das melhores e mais percucientes aproximações da nossa realidade no Século XIX. Nesta tradição de estudos políticos concebidos numa linguagem incitante, encantar-se-ão mais tarde os trabalhos de um Assis Brasil (*Democracia Representativa*), um Alberto Torres (*O Problema Nacional do Brasil*), de um Oliveira Viana (*O idealismo da Constituição*), autores em que o tema encontra um estilo para se exprimir.

Dentro da ética também ela romântica, tentava-se então, do mesmo modo, nesse período de individualismo mais ou menos absoluto, o mergulho no interior do *eu* debaixo de forma que se pretendia filosófica, e é natural encontrasse no ensaio um dos mais apropriados derivativos de expansão. Sofrendo no seu primeiro período o influxo de diversos elementos, e não dos menores por parte do púlpito romântico, esse tipo de prosa expositiva dará acolhida a diferentes espécies de divagações, meditações, evocações, numa constante que não se esgotará de Gonçalves de Magalhães a Graça Aranha. Ensaístas que perseguem a realidade última, numa prosa que por se pretender sistemática não dispensará as galas de estilo, Magalhães, Pedro Américo (filosofante além de pintor), Tobias Barreto, Farias Brito, Graça Aranha²⁵ tentarão posições conciliatórias dos diversos estágios do pensamento novecentista, a partir do ecletismo mais ou menos cousiniano, que influiu Montalverne e marcou os epígonos, até o neo-panteísmo evolucionista de Aranha, *ersatz* tardio e eloqüente do spenceriano tobiático.

SÁTIRAS

A Meditação, de Gonçalves Dias, fragmentos de Romantismo messiânico, com seu tom de apocalipse menor²⁶, se à primeira vista parece

25 "De comum com Tobias, tem Farias Brito a desigualdade na forma de expressar seu pensamento. Em Tobias, a seriedade intelectual não lhe impedia de ceder à tentação de expressões chulas ou de invectivas passionais. Em Farias, homem mais grave e bem composto, não surgem tais liberdades no trato de pessoas ou de idéias, mas aparecem, com alguma freqüência, as tiradas retóricas e os arremedos líricos que desqualificam muitas de suas páginas, sem lhes acrescentar valor estético. Num, a pilhéria de sabor provinciano e popular, ou a invectiva passional e injusta (...) além do mau gosto retórico (...); no outro, a literatice plegas ou a retórica inflada. Em ambos, no entanto, uma grande paixão intelectual" Hélio Jaguaribe: *A Filosofia no Brasil*, pp. 37, 39 - 40. Rio de Janeiro, ISEB, 1957. (Textos Brasileiros de Filosofia 2).

26 Cf. Antonio Candido, ob. cit., vol. II p. 52-53.

aproximar-se do grupo acima, aparenta-se ao contrário através de Alexandre Herculano com a literatura de reivindicação, paralela, afinal, ao nada alegórico *Jornal de Timon* e às sátiras políticas de implícito ou explícito caráter utópico. Destas são exemplo, tanto pela ironia e pela violenta repulsa que retratam, como pelo transparente disfarce de ficção com que se revestem, o *Código Criminal da Semi-República de Passamão na Oceania* (1841), de Lopes Gama; as *Páginas da História do Brasil escrita no ano de 2000* (1868-72), de Joaquim Felício dos Santos; ou as *Notas sobre a República das Bruzundangas* (1917), de Lima Barreto. A agressão contundente aparenta esse gênero híbrido por um lado com a literatura panfletária, por outro com a crônica fantasista e o apólogo moralizante. A intenção ensaística continua presente na sátira através do espírito de análise e comentário, próprio a ela. Arremedo grotesco de uma situação real, transposta para termos caricaturais, constitui evidente reflexão alegórica sobre determinada circunstância.

Mais próximo do tom carapuceiro estão as caricaturas literárias da vida do país gizadas por Macedo em *A Carteira do meu Tio*, e, continuação desta, nas *Memórias do Sobrinho do meu Tio*, livros que de modo mais brando exploram a mesma vertente tipicamente intelectual do ensaio: a paródia literária e a literatura *de chave*. Alencar também deixou no gênero um fragmento: *A Corte do Leão, obra escrita por um Asno*, talvez o seu melhor escrito satírico; uma página rara, que tendo perdido a significação propriamente alusiva, continua a valer no campo muito mais vasto da fabulação de exemplo.

PANFLETOS

À sátira mais propriamente política liga-se a literatura de panfleto, a polémica, e a sua versão torpe, o pasquim, variantes quase sempre corrompidas do ensaio. Variante que aproveita, numa escala amplificada, da deformação de elementos caricatos e burlescos, servidos de modo especial, na esfera ibero-americana que é a nossa, pela ênfase, essa primeira transformadora da realidade. A maioria dos nossos panfletos políticos, do Romantismo ao Realismo naturalista *Libelo do Povo, Conferência dos Divinos* é servida de eficaz expressão literária, muito realizada no sentido dinâmico de levantar indignação. Seguiam elas também o esquema retórico do *deleitar, convencer e persuadir* dos manuais de Eloquência, a fim de "influir sobre o regime dos negócios"²⁷ Cabe à análise estilística dizer a última palavra a respeito do seu

27 CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições Elementares de Eloquência Nacional*, 6ª edição, p. 18. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1861

débil conteúdo não-impreatório, e à Sociologia da História a sua adequação crítica à realidade brasileira do momento.

A CRÍTICA

Já então a espinha dorsal de toda essa literatura, que conquista sempre maior consciência de missão, é sem dúvida a Crítica. Musa retardatória, matriculada por último num jardim do Parnaso cheio de mato, já então estávamos longe da sua concepção como aquele conhecido processo de sanções e louvores proferidos debaixo de qualquer zimbório acadêmico as mais das vezes apenas imaginário.

A experiência do Romantismo fora fecunda. A própria fundação do movimento havia-se apresentado antes de tudo porque decisão consciente e raciocinada de caráter ensaístico. O sentido cosmopolitizante que ele tomara, espécie de acertar os ponteiros culturais com o mundo pensante, segundo determinado plano de reformar o país conforme o ponto de vista das letras, passou-se antes no campo da exposição e da divulgação das idéias, do que no campo criativo. Segundo sempre acontece, a exemplificação prática, sua coetânea, é transparentemente inferior à teoria, e quando muito ilustra de modo passável as teses defendidas. É que se o esforço vigilante de *cumprir um programa* se ajustava ao que necessitávamos, coibia também a criação mais livre, como que propondo certa fórmula de execução demasiado penosa.

IMPrensa, ENSAIO, CRÍTICA

Conforme já vimos, o desenvolvimento da imprensa toma a partir da década de 1830 marcado sabor literário. As belas-letras haviam passado a integrar definitivamente o periodismo. Anteriormente afagadas por um ou outro amador, como Evaristo da Veiga, que não deixava de animar talentos nascentes através de elogiosos editoriais, agora são parte inseparável dos periódicos, ocupando talvez a melhor parte deles. Conforme o acaso de ser a administração mais ou menos interessada pelas artes, ou a coincidência de maior ou menor grupo de plumitivos na redação, o ensaio tem, ao lado dos outros gêneros, as mais diferentes oportunidades de se experimentar: crônica das novidades do dia, crítica de livros, de idéias, política, música, artes plásticas, teatro - tudo encontra lugar na folha. Mais do que simples diários, o "Jornal do Commercio", a

"Marmota Fluminense", "Actualidades", "Correio Mercantil", "Diário do Rio de Janeiro", "Gazeta de Notícias", "Cidade do Rio". - para ficarmos na Corte e no Oitocentos são verdadeiras coletâneas da atividade cultural do tempo, que não se podia espriar em mais nenhuma parte.

NOS ARRAIAIS DA IMPRENSA

Os tentames dos propagandistas teóricos da nova escola romântica, fortemente coadjuvados pelo espírito da imprensa européia, como que modelam a nossa. Folhetinistas e editores das escassas revistas populares da época - *Monitores, Minervas, Panoramas, Curiosidades, Universais* -, ou pertencem ao grupo renovador, ou lhe seguem as pegadas. O caminho foi aberto pelos artigos e prefácios expositivos do grupo da "Nyteroy", e a primeira geração de discípulos mais ou menos ortodoxos acompanha a obra dos mestres no campo novo do ensaio crítico. Abreu e Lima, Emílio Adet, Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto, Paula Meneses, Dutra e Melo, tanto esboçam a teoria da crítica romântica aplicada ao caso brasileiro, como ajustam-na à produção, que começa a tomar existência nas próprias revistas e jornais em que eles colaboram.

PRIMEIROS TEMPOS

Sílvio Romero limitou esse período decisivo entre os vinte anos que vão de 1831 a 1851²⁸ mas podemos estendê-lo por mais dez anos, até 61^(m). Mais importante ainda que o esforço compendiador de um Fernandes Pinheiro e um Sotero dos Reis (que vêem a literatura como ciência específica, mas do ponto de vista da Retórica e da Eloquência), mais importante que o esforço desses professores é aquilo que Antonio Candido chama de "crítica viva" isto é, a participação no debate estético dos criadores, que discutem idéias e prática da composição. Neste sentido é altamente expressiva a atitude de análise de Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, Francisco Otaviano, José de Alencar, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Bernardo Guimarães. Trabalham a prosa de ensaio como até então ela não o havia sido, propondo-lhe maior rendimento plástico e expressivo.

28 Datas respectivamente do *Parnaso Brasileiro*, de Januário Barbosa, e do *Florilégio*, de Varnhagen, Cf. com *Quadro sintético de evolução dos gêneros*. Rio de Janeiro, Garnier, 1909.

POLÊMICAS

Outro modo pelo qual a crítica vai se manifestar e com a maior vivacidade, será através de polêmicas literárias. Verdadeiras batalhas campais, dão inusitada vivacidade a um ambiente sempre tão insensível à coisa literária propriamente dita. Seja em torno de um poema como *A Confederação dos Tamoios* ou uma antologia crítica como o *Cancioneiro Alegre*, de personalidades culturais como Tobias Barreto ou Machado de Assis, obras como *O Primo Basílio* ou *A Carne*, a polêmica empolga o meio cultural provinciano. Nos mais diversos grupos acompanham-se com atenção as lutas de Alencar contra Nabuco, José de Castilho e Franklin Távora, como as arremetidas sempre contundentes de Laet, ou a "batalha" que, como a de Itararé, não houve do Realismo e do Parnaso. Elegância do estilo, correção da frase, propriedade dos termos; psicologia e erudição; estudos de patologia ou de belas-artes, pontos de vista opostos em filosofia ou culinária, dão margem a esses encontros sempre violentos de personalidades opostas.

O sensacionalismo que envolve o gênero, o interesse de escândalo que despertam no geral do público, tem a vantagem de colocar os assuntos artísticos na ordem do dia, dando-lhes um interesse que de outra maneira jamais conseguiriam. Espécie dialética do ensaio crítico, diálogo veemente que se encaminha para a sátira, a polêmica colabora de modo tortuoso para a explicitação dos problemas estéticos.

DAS REVISTAS

Até o aparecimento de Sílvio Romero, na esteira evolucionista desse desbravador de caminhos que é Tobias Barreto - renovador da linguagem do gênero pela introdução de tecnicismos até então como que ignorados no ensaio literário brasileiro -, é preciso encarecer também a atividade das revistas literárias especializadas.

Todo o nosso ensaísmo teria ficado totalmente dependente do jornalismo, e limitado de modo decisivo pelas contingências da imprensa diária, não fosse o papel que elas exerceriam. Aí o ensaio de idéias crítico, interpretativo, histórico - consegue espaço e clima propícios para se expandir conforme as suas próprias necessidades.

De publicação dispendiosa, lutando com as maiores dificuldades para sobreviver, raramente alcançam o quarto ou quinto número se não dispõem de subvenção oficial. Acompanhando ainda o modelo enciclopédico

de um "Patriota", esses jornais *de ciências, letras e artes* acolhem até o fim do século XIX tanto a monografia especializada como a notícia sobre os últimos acontecimentos²⁹, ao lado de versos elegíacos certa memória sobre o algodão maranhense; da descrição do curso do Rio Araçuá, a resenha sobre o último romance de Macedo.

Não poderia ser diferente, naquele meio onde todas as dificuldades cerceavam o trabalho intelectual. País de senhores e escravos, sem tradição de cultura, contando com público dos mais diminutos, dentro da escassíssima minoria alfabetizada, os periódicos que não tenham espírito compilador de almanaques ou jornais do lar, sucedem-se uns aos outros, e só não desaparecem de todo devido ao entusiasmo quase adolescente dos colaboradores. Se excetuarmos a "Revista Trimensal" do Instituto Histórico e Geográfico, diretamente bafejada pelo monarca, que é dado às letras - o *Auspice Petro Secundo* está bem nítido na capa -, as demais são de regular efemeridade. "Minerva Braziliense", "Iris", "O Beija-Flor", "Guanabara", "Revista Popular", "Bibliotheca Brasileira", "Novo Mundo", "A Semana", "Revista Brasileira" (nos três períodos) - representam incalculável esforço tanto intelectual quanto físico. Em compensação, sem elas não é possível, literalmente, escrever de modo satisfatório a história breve da cultura brasileira.

NAS FACULDADES

Depuração e concentração do esforço intelectual em sua área própria, independente da imprensa diária, os grêmios literários terão o seu esforço naturalmente prolongado pelas revistas das sociedades acadêmicas. Pertencentes à esfera de extensão cultural do que era então ensino superior, divulgando trabalhos literários ou jurídicos, esses grêmios incrementam a sequência ininterrupta da prosa ensaística. Espécie sempre incipiente de tradição universitária, ela parece contudo ter influído de modo quase decisivo para a formação da "Escola do Recife" e a sua tralha cientificizante. Tanto mais que nestes estudos alguns elementos já se destacavam que, nos meados da década de

29 Na apresentação da terceira época da "Revista Brasileira" (1895-1899) escrevia José Veríssimo: "A nova revista tratará todos os assuntos e questões que possam interessar à maioria do público (...) As questões constitucionais, jurídicas, econômicas, políticas e sociais em suma, que nos ocupam e preocupam a todos, terão um lugar nas suas páginas (...) Pretende (a "Revista Brasileira") simplesmente ser uma tribuna onde todos os que tenham alguma coisa que dizer, e saibam dizê-lo, possam livremente manifestar-se". "Revista Brasileira", vol. 1, pp. 2-3.

40 começam a se firmar definitivamente "no sentido de mais adiantadas doutrinas", conforme anotou Sílvio³⁰ Nomeia ele nesse "começo de reação" contra o *subjetivismo* reinante, a Antônio Joaquim de Macedo Soares e Eunápio Deiró, alunos respectivamente de São Paulo e Recife.

OS TOBIANOS"

O espírito englobante do culturalismo de Tobias Barreto, que estende a todos os domínios do espírito a perquirição erudita, "não em tratados longos e massudos, sim em rápidos e decisivos ensaios" (seguimos sempre Romero)³¹ marcaria de modo definitivo aquele que foi o seu grande devoto. Nesta linha totalizante há de segui-lo os demais discípulos: Rocha Lima, Celso de Magalhães, Artur Orlando, Clóvis Beviláqua (que enveredaria pelo Direito), Martins Júnior, Graça Aranha, Adolfo Caminha, Tito Lívio de Castro, Augusto Franco.

O primeiro deles, isto é, Sílvio, há de ser o grande coordenador da nossa cultura. Sem medo da tarefa tremenda, tenta o ambicioso levantamento e a organização sistemática de todas as manifestações do espírito nacional. A *Introdução à História da Literatura Brasileira*, de 1882, e a própria *História*, concluída seis anos mais tarde - compostos ao mesmo tempo em que publicava inúmeros outros trabalhos de fôlego, literários ou não -, reservar-lhe-iam desde logo um lugar central em nosso ensaísmo, que ele se apressou a ocupar com todo o gosto.

INDEPENDENTES

Não quer isto dizer contudo fosse ele o único ou o mais representativo crítico da geração. As décadas de 70 e 80 assistiram também à estréia de figuras do porte de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Carlos de Laet, José Veríssimo, Eduardo Prado, João Ribeiro, sem esquecer figuras secundárias no gênero de Valentim de Magalhães ou Melo Moraes Filho, e vocações precocemente desaparecidas, como Rocha Lima, José Antônio de Freitas ou Celso de Magalhães. Autores de diferentes linhagens críticas - para louvar-nos da frase de Wilson Martins,³² -, ensaístas de

30 *Quadro sintético*, cit.

31 *Idem, Idem*.

32 *A Crítica Literária no Brasil*, p. 22. São Paulo, Departamento de Cultura, 1952.

expressão e qualidade muito diversas, estreando na Corte ou na Província, sofrem todos eles o influxo das idéias que estão no ar.

NACIONALISMO: REVISIONISMO

O Romantismo, que para a vanguarda agora já contava como peça do passado, tivera a prerrogativa de colocar em primeira plana, e de diferentes modos, o problema do nacionalismo literário. A dicotomia nacionalismo-cosmopolitismo, que tomara certa primeira configuração ao tempo do Realismo-romântico, com algumas doutrinas vagamente revisionistas dos costumes e da sociedade, faz com que o pensamento crítico volte-se a pouco e pouco para a realidade nacional, mas de modo radicalmente diferente do que o faziam Norberto e os companheiros de geração³³

Esse interesse pela realidade brasileira apura-se com os ideais de precisão "científica" do Realismo-naturalista, contemporânea à renovação de ideais proposta por Tobias no Recife. Pelas suas possibilidades de um sadio universalismo, que decerto conseguirá despertar a mentalidade embotada do País, explica-se ao mesmo tempo o espírito revisionista de uma publicação como a "Revista Brasileira" (da segunda e terceira épocas), nosso primeiro mensário de sentido moderno. Tentativa de uma análise outra da cultura nacional, objetiva, direta, onde vão se ensaiar, com critério científico (o adjetivo é indispensável então) distintas pesquisas sobre as nossas coisas, ela pretende ser e será - o órgão deste espírito renovador.

VERÍSSIMO E SEUS AMIGOS

Ensaísmo que se quer sem ingenuidade, explica, por exemplo, a evolução de um José Veríssimo a partir de estudos culturais *lato sensu*, para a pesquisa literária específica da madurez, em seus últimos anos. Crítico irredutível nos seus pontos de vista, equilibrado e preciso, embora marcado pelo vinco sentencioso de juiz, Veríssimo é uma das figuras mais autenticamente representativas dessa prosa ensaística. Isso apesar da elegância equívoca do seu estilo, das limitações que sofria a sensibilidade dele, fechada a tudo aquilo não se aparentasse diretamente com o espírito do crítico. Problemas amazônicos,

33 No entanto haviam eles de influir de modo profundo, por exemplo, o primeiro Araripe Júnior, que mais tarde desenvolveria em sentido seu, as idéias de intransigente brasilidade bebidas nos colaboradores da "Minerva Brasiliense" e da "Revista Popular" E que ele difundirá dando-lhe o necessário vezo psicológico e estético moderno em diferentes graus desde a primitiva posição dele, tomada com a "Carta sobre a Literatura Brasileira", de 1869.

literatura brasileira e estrangeira, educação nacional, divulgação de idéias, expansão da cultura tudo isso estuda e versa com rara honestidade, com certa, profunda intuição crítica.

O itinerário das ciências para a arte, contudo, não será seguido sempre. Definidas vocações ensaísticas, tais como Capistrano de Abreu, Lafayette Rodrigues Pereira, Joaquim Nabuco, Clóvis Beviláqua, Rui Barbosa, embora sempre atentas à forma e à atividade literárias, tomam em compensação, outros rumos: a História, a Política, o Direito, a Sociologia. Nesta linhagem de ensaístas especializados nos seus campos próprios, mas servidos de notável expressão literária, encartar-se-ão ainda um Oliveira Lima, um Euclides da Cunha, mais tarde um Oliveira Viana, um Gilberto Freyre, um Otávio Tarquínio de Sousa: antes de tudo homens de letras, escritores; depois especialistas das suas matérias.

PROBLEMAS DA "ARTE DE ESCREVER"

No sentido de estabelecer um apuro idiomático, fruto de ideais parnasianos que agora reagem contra o desalinho romântico, o ensaio no Brasil tenta reformular a sua expressão. Coincide isso na prática com as atitudes agressivas de um magistério lusitanizante cheio de impertinência, em que Camilo é a figura mais considerável e José de Castilho a mais mesquinha. Certo sentimento de inferioridade brasileiro em relação às críticas de desconhecimento e emprego incorreto da língua pátria, de deturpação deformante da linguagem a língua mestiça de atenienses - encontra apoio no geral preconceito cientificista do tempo, todo voltado para regras e contrarregas. Mas se por um lado provoca reações violentas contra este ponto de vista, estimula também o estudo e a prática erudita do idioma que éramos acusados de deformar e mutilar. Fazendo que então nos extrememos em exageros puristas, prova incontestemente da nossa injustificada superioridade vernácula, essa atitude favoreceria em breve a dilatada ditadura dos gramáticos. Em momento de comum acatamento pela Norma, o ideal da correção pregado pelos codificadores parnasianos iria curiosamente completar-se com o espírito ornamental implícito ao "escrever artístico". A procura do vocábulo raro funde-se então com a preocupação gramatical e a pesquisa do dicionário (onde aliás se encontram providenciais corroborações dos autores de monta) com o cultivo dos clássicos nos próprios textos⁽ⁿ⁾.

PURISMO, TRADIÇÃO E TRANSIÇÃO

Cumprir lembrar ao lado disso que as grandes presenças portuguesas na nossa imprensa Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, João Chagas,

Fialho de Almeida - confirmavam um ideal estilístico se não ortodoxamente lusitanizante (e tanto assim Rui vai reprochar na *Réplica* a francesia de Eça), conservando sempre a marca incontestada da prosa de além-mar. As virtudes da língua antiga coincidem com o favor literário neo-romântico da arqueologia, com a ressurreição estetizante do passado, indispensável aos *raros*.

Desta forma a revalorização, na *belle époque* brasileira, dos escritores "clássicos", Vieira à frente, que aqui se procurava ostensivamente cultivar ainda melhor que o berço nativo, coincide com o sentido cinzelador da literatura *decadente*, invejada vanguarda artística européia, e que provoca curiosas repercussões no ensaio da época. Algumas dessas preocupações estilísticas extremar-se-ão em excessos ornamentais, desaguando no rebuscado amaneiramento de muitas estéticas pessoais do tempo. Estão nesse caso o incessante cromatismo de Raul Pompéia, afiliado às *raretés* goncourtianas, a riqueza vocabular ofuscadora de Coelho Neto, a precisão e o rigor arcaizantes de Rui e de Laet, o texto técnico e singular na frase larga, compósita, já de si ondulante, de Euclides. Soluções diversas, mas aparentadas às suas, vamos encontrar em autores tais como Alcides Maia, Alberto Rangel, Monteiro Lobato, Graça Aranha. Furungadores de dicionários, esses "estilistas" (quase todos eles assinando suculentas páginas de ficção) já foram apontados como aquela "família dos farfalhantes"³⁴ que identifica a realização literária ao luxo do estilo.

GREGOS E TROIANOS

Mas é preciso não esquecer ao lado desses "asiáticos", perfilhados a uma Ásia tantas vezes menor, que o ideal de aticidade não desaparece da prosa de ensaio; muito pelo contrário. Avessos à rapina de vocabulário e construções imponentes, para esses cultores da medida e da contenção urbana o manuseio dos escritores antigos consistirá mais na coleta impregnada de ironia desta locução ou daquela regência, de um ou de outro modo de dizer sugestivo que renovem com sutileza a língua contemporânea, comunicando-lhe discreto sabor acre. Mestre insuperável no gênero, Machado de Assis contará com seguidores dessa vertente num Constâncio Alves ou num Domício da Gama, e, de modo mais limitado, nos humoristas no gênero de Martim Francisco e Mario Brant, de Leo Vaz e Godofredo Rangel. Outros que refogem seja o torneamento generoso dos farfalhantes, seja a discreção excessiva dos áticos, preferem a fluência romântica, eloqüente, grandiosa, de um Renan,

34 MEYER, Augusto. "A família dos farfalhantes", em *Preto & Branco*, p. 197. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956.

nesse tempo em que o ritmo da língua francesa flui sugestivo para todas as sensibilidades letradas.

Ao seu lado ainda, a experiência simbolista experimenta a prosa poética, da crônica evocativa ao poema em prosa. A revolução branca do "nefelibatismo" não se resumiu apenas ao alargamento (com a correspondente retração) de um vocabulário escolástico específico. Tanto o ritmo como a estrutura da frase foram experimentados nas suas possibilidades virtuais, e tempos depois retomadas com êxito. E no campo da crítica contou com Nestor Vítor, divulgador do jornalismo de ensaio com larga experiência de autores pouco ou nada freqüentados pelos grupos dominantes.

ENSAÍSMO, ARTICULISMO

Existindo de modo fundamental nas folhas, e só em segunda instância nas revistas, conforme já se viu, o ensaísmo tem de tomar a forma obrigatória de colaboração para a imprensa. Sinônimos imperfeitos, articulismo e ensaísmo são obrigados a coincidir de todo nas condições culturais do Brasil; as exceções pertencerão sempre a um campo definido História das Idéias, Sociologia da Cultura, Filosofia do Direito. Daí a importância das seções fixas ou da colaboração constante em jornais e revistas, coletadas mais tarde em volume. Casos como o de Carlos de Laet e Constâncio Alves que com cinquenta anos de ininterrupta colaboração de grande qualidade literária na imprensa, são ainda assim praticamente ensaístas sem livros -, falam por si sós bastante alto para configurar essa peculiar situação. Muito mais corrente em nossa literatura pode parecer ao primeiro momento, e por isso aceita como irremediável, o universal da prática fez com que o articulismo de ensaio fosse com o tempo considerado a forma mesma da expressão do gênero, votando a uma irrecorrível efemeridade mesmo aquilo que de mais importante pudesse aparecer debaixo dessa forma. Sem ter sido o único, Sílvio Romero foi o ensaísta que de maneira mais veemente se recusou a esse fragmentarismo consagrado, preferindo seccionar, revistas e folhas afora, seus estudos quase todos eles de dimensões ponderáveis.

O caminho natural dessa produção, mesmo quando as dimensões do escrito pediam edição em volume, era a imprensa periódica. Mas como "neste nosso Brasil é infinitamente mais considerável a quantidade de pessoas que lêem jornais do que a das que abrem livros"³⁵, seriam exatamente estes papéis volantes os impressos que atingiam um público mais amplo. Bem verdade é que depois de lidos e comentados tomavam rumo do fogueteiro;

35 COARACI, Vivaldo. *91 crônicas escolhidas*, p. XVI. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1961.

contudo, muitas vezes eram colecionados também nas amplas casas de antigamente, e serviam de leitura a duas e três gerações.

ÚLTIMOS ORADORES

Parece datar deste período o declínio da oratória parlamentar e política de significação literária, até então exercendo imensa influência em toda a sociedade. "Mas - escreve Fernando de Azevedo - toda essa eloqüência a que o Romantismo emprestara proporções grandiosas, quase espetaculares, e com a qual o Parlamento se tornou no Império "a forja de nossas letras", já vinha sendo ameaçada, pelo fim do século, no seu antigo prestígio, pela corrente das idéias filosóficas e científicas com que se encerrava o ciclo romântico e se abriam perspectivas para uma nova percepção, realista, da vida e do mundo"³⁶ O sermão, como forma oral do ensaio, muito valorizado no seu aspecto cívico, sofrerá uma derradeira metamorfose na "conferência literária" de 1900, a última encarnação (ao lado da oratória de Rui, de impostação ainda imperial) do bem falar sermonístico³⁷

REVISTAS, QUASE SEMPRE

Uma circunstância histórica, a queda da Monarquia, exigindo tanto de vitoriosos como de vencidos um esforço de análise do presente e do passado como até então não fora tentado, dera margem à afirmação de algumas das nossas melhores vocações ensaísticas, muitas delas até então realizadas

36 *A Cultura Brasileira*, volume II, p. 106. São Paulo, Melhoramentos, s.d.

37 A posição de Nabuco e Rui é curiosamente simétrica quando se pensa no lugar que ocupam como oradores políticos de "alta" expressão literária, e que mesmo escrevendo não perdem de modo nenhum a sua redonda eloqüência de bem-falantes. Ocupando nas Câmaras republicanas o lugar deixado vago por Nabuco, Rui tentará inutilmente prolongar no novo regime o prestígio literário do Parlamento imperial. Excelente motivo para ser mal visto, pois conforme assinala ainda Fernando de Azevedo: "As letras, a que o regime parlamentar do Império imprimira um notável relevo e quase um valor prático, utilizando-as como um dos instrumentos de ação política e social, tornavam-se por essa forma na República, não só estranhas, mas suspeitas à política, dominada pelo imediatismo utilitário e afogada nas questões militares e nas agitações partidárias" (*A Cultura Brasileira*, cit., volume II, p. 107). Era o declínio final da influência da tribuna, primeiro religiosa, depois civil, e do peculiar ensaísmo oral condicionado por ela, que tanto prestígio gozou e tanta influência exerceu entre nós.

apenas parcialmente³⁸ A passagem do novo século, vindo repor o balanço das atividades intelectuais do País, encontrou assim a nossa intelectualidade definitivamente dividida entre nacionalismo e cosmopolitismo.

DISCUSSÕES

A primeira década republicana, com os naturais desajustes que a mudança de regime acarretara à Nação, havia exigido de todo o Brasil pensante uma imediata tomada de posição diante de nossas coisas. Até então desconhecidas senão de uns poucos estudiosos isolados, a problemática brasileira passa a ser discutida não só do prisma político, mas notadamente social. Dentro da concepção alemanista da "Escola de Recife" os caminhos da cultura são compreensivos, encampando, com grande elasticidade, todas as manifestações do pensamento nacional. O grande doutrinamento que a obra de Sílvio Romero representa parece influir de modo indireto sobre quase toda a prosa de ensaio do tempo, marcando, com a extrema exacerbação característica dele, construtiva e polêmica, o comum interesse pelo estudo da nossa realidade.

Mas sejam prosadores ligados a Tobias e a Romero (Artur Orlando, Sousa Bandeira, Graça Aranha), sejam independentes (Eduardo Prado, Euclides da Cunha, Oliveira Lima), esses e mais outros continuam e completam a obra em comum encetada pela "Revista Brasileira" da segunda e terceira épocas, e que se tentou consolidar com a instituição da Academia de Letras.

UMA CAPITAL CIVILIZADA

Esse criticismo compreensivo dava margem ao expandir-se, de um outro lado, da realidade meramente urbana da grande cidade: o desenfreado e ingênuo cosmopolitismo mundano do Rio, que atravessa um segundo e frenético *civilizar-se*.

O Rio civiliza-se! é a frase feita célebre para caracterizar a remodelação material dos costumes e da sociedade carioca. O grande cronista desse momento de inquietação superficial será Paulo Barreto. Com o pseudônimo coerente de João do Rio ele quer significar a sua intimidade com a Cidade que se

38 Demasiado conhecidos e glosados os casos de Nabuco e Eduardo Prado, o primeiro realizando a parte mais substancial da sua obra quando no ostracismo voluntário a que se voltou "os dez anos de luto pela Monarquia"; Prado entregando-se ao jornalismo de panfleto e de ensaio em que se realizou de modo quase definitivo com agudo sentido dos valores perenes.

enfeitada de tentacular, atingida também ela pelas taras moderníssimas das grandes capitais européias.

Escritor de talento, a se dispersar numa literatura mais do que apressada se desejando vertiginosa, dono de um estilo que à primeira abordagem aparece construído apenas com os tiques e os cacoetes da moda, ele representa, divertido, consciente, a caricatura de um determinado grupo em situação. Retrato ironicamente retocado do *art nouveau* carioca - de que P. Lopes será o mais lídimo representante, mas numa dimensão ideal e quase angélica que afinal o aparenta a um Rousseau le Douanier -, árbitro das elegâncias intelectuais da época, além das muitas fórmulas que soube manusear como ninguém, foi escritor capaz de nos deixar uma *Alma encantadora das ruas*, ensaio descritivo de psicologia urbana que é pouco menos do que uma obra prima.

No seu estilo compósito e funambulesco, esse cronista que não conseguia a fluência serena de Bilac - sucessor ao mesmo tempo de Eça e Machado - nem a graça espontânea Artur Azevedo, que continuava o humanismo digerível de França Junior, resumiu com aguda vivacidade, resumiu com malícia insuperável, um mito de que foi, afinal, o principal ator. Proust de um mundanismo sem aristocracia, em que Dona Laurinha dos Santos Lobo foi ao mesmo tempo Mme. de Guermantes e Mme. Verdurin, mais do que ninguém ajudou a criar uma ilusão nacional de esnobismo *up-to-date*, do qual foi o melancólico repórter e o ironista de gênio.

"A ERA DAS CONFERÊNCIAS"

Ao lado da crônica e da reportagem³⁹ é cultivado também um outro gênero menor que, se gozara de algum prestígio nos meados do século anterior, empolga do modo mais completo agora o público do tempo: a "conferência literária". Documentando, do ponto de vista dos costumes, uma exuberante vida social, esse tipo de oração para ser recitada em sociedade participa ainda do campo do ensaio. Um ensaio quase sempre frívolo, variação palavrosa em torno de algum tema genérico, vago, efêmero. Recolhidas em livros após serem recitadas aqui e ali pelos autores (bem remunerados por esse trabalho, desde que as conferências são com entrada paga), representam fenômeno literário inseparável do período. Brito Broca propôs com justeza que elas fossem incluídas

39 "Com João do Rio, na primeira década do século, a crônica-folhetim, do modelo de Machado de Assis, que já ia perdendo o contorno clássico com Bilac, converte-se em reportagem. Era uma surpreendente inovação na época". Brito Broca: "Cronistas de Outrom", recorte não identificando da "Gazeta" de São Paulo.

debaixo do designativo de "prosa parnasiana" que Otto Maria Carpeaux cunhara na *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*⁴⁰. Na verdade o gênero encartava-se do modo mais ortodoxo dentro da estética gratuita, ao mesmo tempo do conceito ornado e da frase alambicada, que as tornam autênticas peças em prosa correspondentes, pelo espírito, aos sonetos da escola: polidos, sensíveis, encantadores, vazios. Decorativos e incômodos como o febril *bric-à-brac* esmagador das casas de então.

CONTUDO ALGUNS FRUTOS

Mas nada de exageros, anota ainda Brito Broca. "É preciso considerar que apesar daquilo que podemos chamar a sua 'perversão', a moda trouxe algumas vantagens, concorrendo para que fossem escritos alguns dos bons livros da literatura brasileira" E prossegue "O primeiro estudo de conjunto da obra de Machado de Assis daí provém: resultou das palestras pronunciadas por Alfredo Pujol na Sociedade de Cultura Artística de São paulo, depois enfeixadas em volume. Também ali Afonso Arinos realizou um curso sobre lendas e tradições do Brasil, transformado em livro. Um das melhores obras em prosa de Bilac são as *Conferências Literárias*, nas quais encontramos a famosa exaltação de Dom Quixote, o estudo sobre Gonçalves Dias. E a conferência de Gilberto Amado, no salão do "Jornal do Comércio", a 9 de agosto de 1913 sobre o tema "A Chave de Salomão", legou-nos uma das páginas mais notáveis das nossas letras. Sem falar na série promovida por Manuel Cícero Peregrino em 1912, na Biblioteca Nacional⁴¹" Com os seus lados contraditórios, foi tal a voga no gênero que os próprios ironistas que o satirizam será o caso de João do Rio nem por isso deixam de o praticar.

40 "Não seria demais ver nas 'conferências literárias', nos moldes aludidos, uma expressão típica e triunfante dessa prosa. Faziam-se elas com material semelhante ao dos sonetos parnasianos, havia identidade de vocabulário entre uma e outras. Basta ver os títulos 'O Mar', 'O Espelho', 'A Tentação' (Oscar Lopes: *Três Conferências*) 'A Mulher' (Garcia Redondo: *Conferências*), que o são também de sonetos parnasianos". Em "A conferência literária e a prosa parnasiana". Recorte sem indicação de "A Gazeta" de São Paulo. O texto foi reescrito e desenvolvido à p. 139 de *A Vida Literária no Brasil - 1900*. 2ª ed. As observações de Carpeaux sobre a prosa parnasiana integram a p. 162 de 2ª edição da *Pequena Bibliografia Brasileira da Literatura Crítica*. Rio de Janeiro. Serviço de Documentação do MEC, 1955.

41 *A Vida literária no Brasil - 1900* (2ª edição) cit., p. 139.

OUTRAS PRESENÇAS

Mas João do Rio evidentemente não é o único figurante desse período contraditório. Os anos que precedem de pouco à Grande Guerra encontrarão além das vocações algo dispersivas que se dividem indiferentemente entre ficção e ensaio, e de que entre os menos idosos Alcides Maia e Xavier Marques são exemplos, os pendores fundamentalmente ensaísticos de Gilberto Amado e Antônio Torres. Diversos entre eles, como o são, resumem a inquietude mental dessa época. O primeiro todo voltado para problemas gerais, propostos numa prosa vibrante, dominada de modo muito seu pela ineludível vocação pedagógica de líder intelectual. O segundo, realizando-se na fluência elegante e segura de um escrever aprimorado, a se interessar pelos aspectos peculiares do dia-a-dia, a sua vocação de moralista modulada mais por um vago ideal de bom-senso e de equilíbrio primordiais, quase sempre levados à deriva pelo temperamento passional do autor.

TORRES & AMADO

Paralelos, os ensaios de Torres e Amado completam-se em distintas áreas de inconformismo e espírito revisionista. O segundo circunscrevendo o primeiro, atravessarão toda a década de 20 como figuras das mais representativas do gênero. Um no terreno das idéias literárias e políticas, outro no da sátira dos costumes e da atualidade jornalística. Ambos inequivocamente prolongando, no espírito *belle époque* que presidira a formação deste e daquele, os aspectos mais vivos e ardentes do revisionismo nacional que também se reflete de outro modo na "Revista do Brasil" de Monteiro Lobato. Deste modo a formação liberal de Gilberto Amado na Faculdade do Recife, e a eclesiástica de Torres, no Seminário de Diamantina, completavam-se antiteticamente em meio ao cenário das letras do 1900 brasileiro nesse meio em que o Modernismo heróico representa como que o efervescente precipitado final, encerrando complicado processo químico realizado em cadeia.

UMA VONTADE DE CULTURA NACIONAL

Também a "Revista do Brasil, sob a direção de Monteiro Lobato, e em certo período também Paulo Prado, representará de modo todo panorâmico a mentalidade brasileira profundamente insatisfeita com a realidade presente, pretendendo agir de modo concreto pelo menos dentro do campo cultural. Em luta contra todas as formas de espírito estagnado, não lhe repugna a colaboração das figuras independentes das gerações anteriores. Um João Ribeiro,

um Martim Francisco, um Amadeu Amaral, um Nestor Vitor, um Alberto Faria, díscolos na geral arregimentação dos grupos estético-ideológicos, terão entrada franca na revista. Todos os talentos autênticos são aí acolhidos. Durante os dez anos de existência da revista, de 1916 a 1925, ela dará guarida a gregos e troianos, inclusive aos primeiros modernistas.

OS DE ENTÃO

Afrânio Peixoto, Humberto de Campos, Jackson de Figueiredo, Ronald de Carvalho, Tristão de Ataíde, Sud Menucci, Plínio Barreto, José Maria Belo, Fernando de Azevedo, destacam-se na prosa de não-ficção deste período, em que continuam a produzir alguns dos grandes nomes que vêm do Segundo Reinado ou dos primórdios da República, que sobreviveram aos contemporâneos: Laet, Neto; Afonso Celso; Constâncio Alves; Medeiros e Albuquerque. Ensaístas diferentemente motivados, tendendo para a erudição pura, para o combate ideológico, para a crítica estética, sociológica ou sincrética, esse período que os contém a todos é dos mais fecundos para o gênero. O espírito essencialmente analítico e judicativo da época propicia um geral estabelecimento de critérios de apreciação da realidade, nas mais diversas áreas. Há alguma coisa no ar que ninguém pode dizer exatamente o que seja.

O ESTOURO

O Modernismo sucederá de pouco ao aparecimento da "Revista do Brasil", e de maneira diferente dela busca uma reforma *radical* da literatura, ainda então praticada sob a égide da sensibilidade finissecular, representa ainda o mesmo estado de espírito de redescoberta do Brasil.

Neo-romantismo cujas brigadas de choque entrarão violentamente em cena, viria receber a adesão de um Ronald de Carvalho e de um Graça Aranha a simpatia irônica de um João Ribeiro, a compreensão defensiva de um Tristão de Ataíde. Com os restantes polemicaria quase sem tréguas até a década de 30.

PROBLEMAS DE EXPRESSÃO

Encontrando entre os escritores jovens alheios ao movimento uma prosa amadurecida e cheia de recursos que segue determinados ideais, a

oposição estilística e artesanal dos "futuristas" - Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado - será muito fecunda no sentido de síntese que irão realizar, à procura de um discurso ricamente plástico, que vai se aproveitar das novas conquistas mas não deixará de utilizar a tradição.

Assim à prosa protestante, aforística, subjetivista, de um estilo às vezes telegráfico, de que Oswald e Mário de Andrade dão a senha, e Antônio de Alcântara Machado resolverá numa dimensão própria, inimitável, vai suceder uma busca de equilíbrio expositivo e estético na qual tanto aqueles diretamente ligados ao movimento, como aqueles que se desenvolvam à margem do debate estético, acabam por se beneficiar. Pedro Dantas, Sérgio Buarque de Holanda, Rodrigo M. F. de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Milliet por um lado; Gilberto Freyre, Paulo Prado, Tasso da Silveira, Andrade Murici; Agripino Grieco; Fernando de Azevedo; Luís Delgado, Eduardo Frieiro, Olívio Montenegro, Otávio Tarquínio do outro lado representam, *grosso modo*, as posições principais em torno do ensaio crítico, interpretativo ou expositivo, e que transitam, dentro de distintas categorias de experimentação, para um pós-modernismo em que voltará a prevalecer o ideal da prosa equilibrada.

MODERNISMO E ESTILO

São sem número os problemas e contradições dessa prosa ensaística - da qual não estamos fazendo a história mas apenas tentando esboçar o evoluir através do século e meio de consciente vida literária nacional. Procurando ao mesmo tempo as possibilidades do "estilo moderno" como as do chamado "acadêmico", um grupo deveras excepcional de ensaístas levará conscientemente esse falso dilema a uma superação resolvida com o amadurecimento estético de cada artista, e a posterior depuração vocacional. O caso da prosa de Mário de Andrade; da prosa de ficção como da de ensaio, fornece o mais expressivo exemplo do que se pretendeu dizer: ela caminha da sua primitiva vontade de um formulado maneirismo, para a fluência larga e pessoal do seu último escrever. Soluções igualmente pessoais, como a da cadência frásstica de Gilberto Freyre, largamente enumerativa e dividindo-se em sub-orações independentes, adequadas à maravilha aos seus inventários proustianos, se se tornam irresistíveis aos imitadores, são impossíveis de serem transmitidas a mais ninguém. Os epígonos vêem-se na ominosa condição de pasticharem o mestre.

O "Boletim de Ariel" é o marco simbólico que anuncia uma nova geração de ensaístas, esta verdadeiramente notável. Lucia Miguel Pereira, Augusto Meyer, Eugênio Gomes, Astrojildo Pereira, Afonso Arinos Sobrinho, Barreto Filho, Carlos Dante de Moraes, Aires da Mata Machado Filho, Moisés Velinho. A ela se juntará pouco depois a de Álvaro Lins, Viana Moog, Cristiano Martins, Otto Maria Carpeaux (que a guerra e o exílio tornam escritor brasileiro), Afrânio Coutinho, Brito Broca, Temístocles Linhares, Adonias Filho, Aurélio

Buarque de Holanda, Gustavo Corção. Todos eles, sem excetuar quase nenhum, prosadores que irão preferir como seu meio de expressão uma prosa tersa, quase neoclássica na sua maneira de ser discreta, à qual se pede, antes de mais nada, interfira o menos possível no jogo abstrato das idéias, e seja antes de tudo plástica e expressiva.

A TRADIÇÃO DA CRÔNICA

Único gênero, conforme já se fez notar, que acompanha o gosto do público sem perder a qualidade literária, - e, ao contrário, em cada situação nova recria essa qualidade -, a tradição brasileira do *familiar essey* persistia muito viva depois de João do Rio. Raimundo Correia, Guimarães Passos, Artur Azevedo, Coelho Neto, nomes exponenciais na poesia e na prosa desse tempo, haviam-no cultivado até a época da morte de cada um deles - a de Coelho Neto ocorrida dez anos após a de Paulo Barreto. Mas se eram cronistas à maneira tradicional, contando com público certo, não acompanhavam de modo nenhum a inovação da reportagem lírica, essa grande contribuição de João do Rio ao gênero, já então algo estafado.

Por essa época começa a crônica a evoluir a pouco e pouco para a forma que tomará em nossos dias. "Processou-se a transição gradativamente, de modo quase imperceptível, como cresce na natureza aquilo a que a força vital dá alento" - escreve Vivaldo Coaraci⁴² "Nem por isso foram menos profundas e acentuadas as transformações. E a crônica assumiu novo aspecto e consistência, adquirindo, independente e livre, os foros de gênero literário definido e genuíno. Libertou-se o cronista das algemas da atualidade, proclamou-se independente da contingência do comentário oportuno ao "caso do dia". Em vez de procurar *assunto* no noticiário, passou a buscar *inspiração* nas impressões quaisquer recolhidas pelo seu espírito através da observação, da fantasia ou da reflexão" E conclui Coaraci com finura: "Deixa de ser jornalista para se tornar escritor; troca o ofício pela arte, aceitando todas as suas responsabilidades e exigências"⁴³

A CONTINUIDADE

O disputado bastão de cronista seria passado adiante, nesse período de busca, ora por um Lima Barreto (cujo profundo ressentimento social fará dele, ao lado de Torres, o mais ferino dos comentaristas); ora para o curioso

42 "A Crônica", em *91 crônicas escolhidas*, p. XV, cit.

43 Ibidem.

diletantismo do segundo José do Patrocínio; ora ainda para o cosmopolitismo mais ou menos mundano de um Theo Filho ou de um Tomás Lopes; ora para a vacilante fluência de um Humberto de Campos.

E assim o gênero não sofre mutações profundas com o costumismo sentimental da geração seguinte, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Peregrino Júnior, Vivaldo Coaraci, Álvaro Moreira, autores de algumas páginas definitivas no gênero. Nem com eles, nem com o experimentalismo modernista, (pois com Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado são tentadas diferentes soluções para o gênero) a crônica sofre transformações essenciais. Sem nenhum caráter urgente estas serão propostas no entanto por um Rubem Braga, renovador do gênero, que aproveita do modo mais pessoal algumas sugestões intimistas já esboçadas tanto pelo poema em prosa dos anos 10 e 20, como pelo penumbrismo sentimental à Ribeiro Couto, reformando-os com o raro sentimento íntimo do coloquial e do cotidiano mágico.

BALANÇO CRONIQUEIRO

A passagem da objetividade primitiva para um subjetivismo lírico mais ou menos radical corresponde a uma autêntica revolução nesse processo de focalizar a realidade. Isto é, uma revisão do gênero que toca nos seus próprios fundamentos.

Próximo da poesia pelas muitas possibilidades do flagrante lírico, a mudança do ponto de vista exterior do cronista para o interior do sujeito, enriquecendo infinitamente as possibilidades do flagrante humano, depois de Manuel Bandeira voltou a tentar alguns dos maiores poetas do País, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, assim como outros mais jovens, como Ledo Ivo e Paulo Mendes Campos, e a ficcionistas como José Lins do Rego e Fernando Sabino. Hoje é sem dúvida o gênero mais popular do País, o único a manter um contacto direto e cotidiano com o leitor através da imprensa.

DO ENSAIO REMEMORATIVO

O memorialismo assume uma posição especial dentro do campo do ensaio estético apenas quando ele aí realiza uma prosa que de modo consciente combine narrativo, descritivo e interpretativo. Descendendo por um lado do ensaio personalista de Montaigne, cuja marca é visível em toda a tradição intimista do gênero - as *Recollections of Childhood* de Steele, são um sinal da sua continuidade em pleno Século XVIII -, a autobiografia alcançaria o apogeu durante o Romantismo. "Era natural que numa época menos voltada para os problemas de casuística, mas preocupada, pelo contrário, em registrar o

nuançamento da própria sensibilidade (como é o caso do período romântico) escreve Mário Praz o ensaio devesse transformar-se num instrumento, o mais ágil e o mais eficaz, da autobiografia. O Romantismo descobriu a autobiografia interpretando-a não no sentido de vida exemplar, mas de apaixonante documento humano" - continua o crítico de *Il Romanticismo*. "O criador do ensaio autobiográfico moderno foi Charles Lamb, num grupo de composições (*Recollections of Christ Hospital, Dream Children, Old China*) em que o ensaísta pode ser definido como um lírico em prosa, preocupado em fixar certo ritmo demasiado sutil para o verso, e vivaz como o tagarelar de uma conversação"⁴⁴

No Brasil, o memorialismo de categoria literária aparece tardiamente. Era natural que assim fosse numa cultura de formação recente, pouco afeita aos lares da rememoração. Assim, até o presente, o gênero existe entre nós do modo mais fragmentário e ocasional.

Cumpre-nos, antes de mais nada colocar num segundo plano aquelas obras desta família que, ainda possuindo emoção, importam mais pelo seu conteúdo informativo do que pela contextura estética. Sejam elas escritas por coetâneos ilustres como as *Minhas recordações*, de Ferreira de Resende, as *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira, ou as *Coisas do meu tempo*, de Ernesto Matoso. Ou sejam obra de homens de letras, diferentes entre si como Taunay, Oliveira Lima, Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos, todos eles autores de *Memórias*.

Entretanto, ainda que fragmentários e esparsos, já são peças de nível homogêneo o *Como e porque sou romancista*, de Alencar, *O Velho Senado*, de Machado de Assis, *Cousas do meu tempo*, de Salvador de Mendonça, *Horas do bom tempo*, de Lúcio de Mendonça, *Minhas memórias dos outros*, de Rodrigo Otávio, o malogrado *O meu próprio romance*, de Graça Aranha, para só citar algumas.

O caso de Nabuco e de *Minha Formação* o mais intrinsecamente ensaístico de todo o nosso memorialismo, no sentido de ser análise compreensiva e intelectualizada de uma vida cheia de plenitude -, inauguraria linhagem tão respeitável quando escassa em nossas letras. Se não pôde ser continuada, conforme parecia lógico, pela memórias de Graça Aranha, interrompidas pela morte, encontraria ela na exuberante rememoração de Gilberto Amado um livre prolongamento da sua maneira, no mesmo tempo intelectual e comovida. Dois poetas bastante diversos, Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt, parecem entrosar-se nessa família de rememoradores: o autor de *O Galo Branco* por uma certa qualidade maciça de

sua prosa, curiosamente aparentada com a de Nabuco pelo torneio sensual; a do autor de *Itinerário de Pasárgada*, pela diferente capacidade e lucidez no compor uma biographia litteraria (agora no sentido mais exclusivamente coleridgiano de belas-letas), idêntica à de Nabuco pela riqueza da seiva humana e pela elegância formal e intelectual.

ALGUNS SIMPLES EXEMPLOS

Já o memorialismo de Graciliano Ramos, e também o de Oswald de Andrade e o de José Lins de Rego, tendem para uma narração que se cre e se quer fielmente objetiva tanto ao autor como à realidade circunstante. Enquanto que já pertencem ao território das mais legítimas "memórias sentimentais" as de Augusto Meyer (*Segredos da Infância*) e Ciro dos Anjos (*Explorações no Tempo*). Estes últimos, autênticos "líricos em prosa", entregam-se de modo voluntariamente estético aos jogos recorrentes da rememoração. Construindo uma língua sutil e cheia de tonalidade, encontram naquele mesmo sereno rigor o estilo conciso do autor de *Infância e Memórias do Cárcere*.

Idêntica a toda e qualquer literatura recente, a nossa não podia constar neste campo senão com diminuta produção de valor propriamente estético. Mas só o fato do gênero continuar a ser versado no presente, e contar com diversas outras obras de valor na década de 50-60 (de que não trata este resumo) indica que o memorialismo de categoria intrinsecamente literária caminha para ocupar dentro do ensaísmo brasileiro um lugar dos mais decisivos.

PRESENÇA E PREMÊNCIA DO ENSAIO

Esse geral renascimento do ensaio abaixo de todas as suas formas é como que simultâneo à criação das primeiras faculdades de letras. O encaminhamento para a cultura universitária começa a fazer que o gênero se apresente como problema estético e cultural. Começando a deixar o caráter intuitivo de filho ocasional da imprensa, que de modo genérico teve entre nós, ele chega à hierarquização das diversas categorias do gênero, do articulismo

jornalístico ao ensaísmo propriamente dito. Parecíamos ter chegado ao limite de consciência indispensável para a plenitude dessa espécie literária⁴⁵

Para isso concorreu a crítica cheia de maturidade exercida por um Tristão de Ataíde, um Mário de Andrade, um Álvaro Lins, um Antonio Candido, este talvez o primeiro elemento formado pelas novéis faculdades de letras a ocupar um lugar destacado em nosso ensaísmo. Como o presente trabalho encerra-se voluntariamente em 1950 - portanto no limiar da carreira de vários nomes dez anos depois de prestígio nacional - v.g. M. Cavalcanti Proença, Wilson Martins, Décio de Almeida Prado, Fausto Cunha, Sábato Magaldi, etc. encerramos nossa resenha num momento como esse, de inequívoca ascensão ensaística, quando começam a se delinear várias novas tendências do gênero.

45 Os grupos culturais que a província reúne, dentro da instabilidade que lhe é própria - o "Parnaso Maranhense", a "Escola de Recife", a "Padaria Espiritual", "A Mina", os simbolistas de Curitiba só poderiam ganhar conteúdo real e efetiva consistência após a criação das universidades regionais, fundadas depois de 1930. Até essa data entra o acaso de modo decisivo na sua composição, e os grupos se dissolvem por si mesmos ou são desmantelados pela irresistível atração que a Capital exerce sobre os seus componentes de maior categoria. A este respeito muito características, pela quase total unanimidade, as respostas, no inquérito de João do Rio sobre *O momento literário*, ao quesito respeitante às então chamadas (quase sempre com ironia) de "literaturas estatuais". Daí podermos dizer sem nenhum exagero que Regionalismo consciente adotado como atitude ética e estética, entre nós só consegue realmente não apenas existência, mas real motivação, a partir do estabelecimento de Gilberto Freyre no Recife^(o). A exposição da sua ideologia coerente vem proposta no *Manifesto* dito de 1926. Cumpre notar, contudo, que a proliferação das Academias de Letras provinciais nas duas primeiras décadas do presente século já indicava o compreender, acanhado que fosse, da idéla e do sentido de "região e tradição" Se nos Estados mais subdesenvolvidos representam mimetismo desprovido de melhor sentido da realidade em províncias mais progressistas coincide com o crescimento e uma ilusória consolidação do novo espírito federalista, seu reflexo no campo político exprime-se de maneira todo poderosa e mesquinha com a política "dos governadores"^(p). Seria talvez o caso da Academia Mineira, significativamente fundada no ano de 1812 em Juiz de Fora - na "Manchester mineira" e não em alguma das várias Atenas ou Coimbras provinciais. E que se transfere pouco depois para Belo Horizonte, após ter-se a "Cidade de Minas" firmado de vez como centro de incontestes prestígio político e econômico. Também o novo *essor* contemporâneo da literatura gaúcha de Porto Alegre, baseado sem dúvida numa matizada tradição local, coincide fora da menor dúvida com o desenvolvimento do Estado, inclusive com a fundação ali, nos anos 20, de uma editora logo de importância nacional. Exemplos a serem considerados, e dos mais expressivos, do problema da dicotomia cultural Corte-Província, no complexo nacional brasileiro, são ainda os grupos de Fortaleza no fim do século, ou o de Maceió entre 1925 e 1935: o acaso e condições especiais (inteligente meconato, bem estar relativo da classe média) parecem ter sido os motivos que possibilitaram a respectiva eclosão. Mas somente o trabalho continuado e modesto da Universidade poderia levar adiante esse esforço de autêntico enraizamento cultural.

CONCLUSÃO?

Nascendo com a imprensa e até hoje vivendo em grande parte dela, um levantamento geral do ensaio literário brasileiro, de 1800 a 1950, apresenta um saldo deveras positivo. A crônica, que é o nosso *familiar essay*, possui tradição de primeira ordem, cultivada, desde o amanhecer do periodismo nacional, pelos maiores poetas e prosistas da época - não será necessário citar aqui outros nomes além dos de José de Alencar, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade. Seu vigor está comprovado ainda hoje pelos livros desse gênero que sem cessar saem dos prelos: recolhendo produções dispersas pelas revistas e pelos jornais falam por si mesmos do real favor que gozam junto ao público.

O memorialismo, se até há pouco foi campo menos popular, depois de 1940 recebeu impulso fora do comum, tornando-se um daqueles mais cultivados pelos nossos escritores. De excepcional qualidade, algumas produções desse gênero já integram de modo definido a literatura brasileira. Entre descritivo, interpretativo e narrativo, pertencendo um pouco a cada uma dessas categorias, podemos juntar à autobiografia superiormente escrita aqueles ensaios que de modo parcelado descrevem, narram e interpretam, com sentido literário, a realidade íntima brasileira. Pertencem a tal família ilustre *Minha Formação*, *Segredos da Infância*, *Itinerário de Pasárgada*, mas não deixam também de certo modo de dela participarem "memórias celetivas" no gênero de um *Sobrados & Mocambos* embora de maneira menos metafórica participem elas mais propriamente da categoria seguinte.

Isto porque o ensaio crítico e interpretativo - tanto do fato literário específico, como aquele de idéias gerais, concebido num teor de prosa artística - pode reivindicar a mais ilustre tradição. Num rol que seria ocioso repetir nesta última página, ele reúne os maiores nomes das nossas letras. Realmente, todos os grandes cultores da prosa de não-ficção teriam de estar presentes a essa chamada geral. Basta que relacionemos, quase como homenagem, e um pouco ao acaso, alguns dos títulos fundamentais da nossa bibliografia: *Os Sertões*, *História da Literatura Brasileira*, *Jornal de Crítica*, *Retrato do Brasil*, *Raízes do Brasil*, *Aspectos da Literatura Brasileira*, *Prata da Casa*, *À Sombra da Estante*, *Dom João VI no Brasil*, *Casa Grande & Senzala*, *Estudos de Literatura Brasileira*, *O Ocaso do Império*, *Capítulos de História Colonial*, *À margem da História*, *A Cultura Brasileira*, *Um Estadista do Império*, *Interpretação do Brasil...*

Desta forma, podemos concluir tratar-se o ensaio uma das atividades mais ricas e complexas da literatura brasileira, malgrado possa parecer um primeiro momento uma província deserta, ou quase despovoada, das nossas

letras. Voluntariamente incompleto, o resumo que aqui se encerra, - mera tentativa de visão de conjunto do gênero - ele acredita realizado o seu fim se conseguiu lembrar ao leitor que, versado pelos melhores escritores, o ensaio afinal encerra a maioria das obras fundamentais da nossa cultura.

APÊNDICE

Notas, variantes e observações marginais do autor.

a) *El ensayo* por José Edmundo Clemente. Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1961, p. 7.

b) Cuidado para não se deixar envolver apenas pela acepção "jornalística" ou "gazeteante" do *ensaio*. Ter sempre presente o ensaio como *atitude* para poder diferenciá-lo logicamente de sua aparência *formal* (fôrma) p. ex. no sermão (peroração retórica). Daí a importância da *atitude* satírica.

c) Nota erudita sobre alguns exemplos que tais. Boa fonte: o *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*, vb. *Prosa Doutrinal*. gênero provocado por uma atitude; na antiguidade reinterpretado na atualidade; várias vertentes: tratadística (e exaustiva) - que terá reflexos, ou melhor, cujo *corte espiritual* repercutirá no ensaio erudito exaustivo, histórico, que vai nos interessar quando de confecção literária.

d) (Desenvolvível). O problema da prosa doutrinal na Lusitânia. Porque apesar de tudo é ensaística.

e) difuso, impreciso.

f) Ver Prado Coelho a respeito da influência de Bossuet e o "pregar francês". Nota a fazer: Embora, conforme anotou Jacinto do Prado Coelho.

g) *arrebatado*.

h) Fazer levantamento orgânico do jornalismo de ensaio/panfleto.

i) Modificar aqui. Colocar mais precisamente o problema, fazendo a psicologia da sátira jornalística e ampliando com o jornalismo nacional da Independência, da chalaça ao humanismo.

j) ilustrado.

l) englobante.

m) (Cortado do original) data da estréia em livro de Romero, fundador da nossa crítica sistemática.

n) Colocar o problema do Impressionismo.

o) e a tentativa de lastrear o fato cultural em base antropológica.

p) - a ilusão do mecenato oficioso, da "literatura oficial" do tempo, letras e artes amparadas pela secretaria daqueles lúgubres palácios de governo *art nouveau*, em que quase sempre prevaleceu o que se pressupunha ser/tentava adivinhar como sendo a arte do governo - alegorias positivistas, livros patrióticos, civismo enfático (substitutivo republicano de um não menos desbragado aulicismo imperial) - evoluíram para uma oposição franca a este oficialismo imóvel.